

Bloco Mágico

Boletim Nacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise

Número 4 – Novembro de 2017

Seções

Belém (PA)
Campos dos Goytacazes (RJ)
Fortaleza (CE)
Goiânia (GO)
Imperatriz (MA)
Paris (França)
Rio de Janeiro (RJ)
São Luís (MA)
Teresina (PI)



Núcleos

Barra Mansa (RJ)
Cuiabá (MT)
Dourados (MS)
João Pessoa (PB)
Macaé (RJ)
Nova Friburgo (RJ)
São Paulo (SP)
Teresópolis (RJ)
Vassouras (RJ)

Sumário

1) Editorial	2
2) Memória e instituição	5
“Transmissão, continuidade, descontinuidade...”	5
Convites	9
Programação do VII Encontro Nacional São Luís 2017	12
3) Artigos e resenhas	23
“Entrevista de Elisabeth Roudinesco sobre o Dicionário Amoroso da Psicanálise”... ..	23
“A psicanálise, o barroco e o Brasil: entrelaçamentos”	27
“Arte é medida de segurança pública”	32
“A relação mãe-filha e seus efeitos de devastação”	34
“Bulletin de la SIHPP 18 octobre 2017”	38
4) Experiências de estudo e trabalho	41
5) Próximos eventos	51
6) Ficha técnica	57

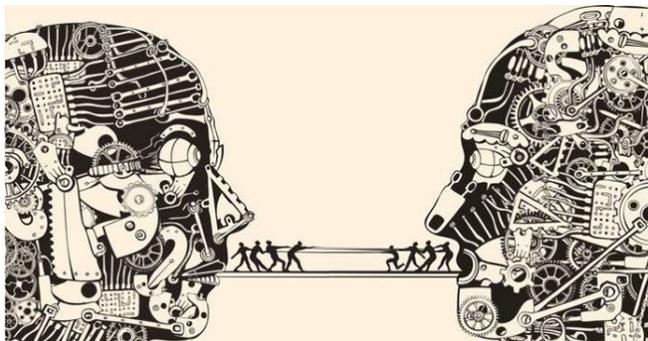
CORPO FREUDIANO
ESCOLA de PSICANÁLISE

Observação: Este boletim interno se destina exclusivamente ao uso dos membros das diversas Seções e Núcleos do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise.



1) Editorial

A fantasia inconsciente: uma janela Simbólico-Imaginária para o Real



Está se aproximando o VII Encontro Nacional e VII Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, que este ano se realizará em São Luís do Maranhão¹, entre os dias 23 e 26 de novembro, com o tema *Uma janela para o Real: a fantasia na psicanálise*. Versando sobre este conceito de importância crucial para a psicanálise, exploraremos sob variados ângulos como esta articulação Simbólico-Imaginária que é a fantasia inconsciente configura a realidade psíquica, funcionando não apenas como uma tela, mas também como uma janela para o Real.

Preparando-nos para este momento de encontros e reencontros, de trabalho e de confraternização, de retomar laços antigos e construir novos, propomos retomar algumas das ressonâncias do encontro do ano passado sobre *O corpo e a carne* em Búzios para ajudar a preparar nossa próxima viagem. Por isso, começamos esta edição do Bloco Mágico com o texto “Transmissão, continuidade, descontinuidade... Ressonâncias do VI Encontro Nacional – Búzios 2016”, escrito por Macla Ribeiro Nunes, que inclui a transcrição da fala proferida por Marco Antonio Coutinho Jorge ao final do Encontro sobre a formação do psicanalista em nossa Escola.

Em seguida, apresentamos alguns convites especiais para o evento em São Luís: Chawki Azouri, convidado internacional, que lançará no evento seu livro *“Triunfei onde o paranoico fracassa”*: teoria e transferência(s), Marco Antonio Coutinho Jorge, Jean Michel Vives, Frédéric Vinot, Paolo Lollo, Sonia Leite e Denise Maurano, cada um deles falando brevemente sobre o que espera do Encontro, cuja programação transcrevemos na sequência.

Nesta edição consta também a entrevista de Elisabeth Roudinesco concedida a Betty Milan para a *Folha de São Paulo* sobre lançamento de seu *Dicionário Amoroso da Psicanálise*, com previsão de publicação no Brasil em 2018 pela Editora Zahar. Em sua mais recente obra, esta importante historiadora da psicanálise mostra como a psicanálise, inaugurada por Freud, fundamenta-se nos mais diversos campos da cultura, tais como a literatura, o cinema, o teatro e a mitologia. Na entrevista, a autora também faz afirmações contundentes e salutares. Para ela, a riqueza do campo

¹ O endereço completo é: Hotel Luzeiros São Luís, Rua João Pereira Damasceno, 02 – Ponta do Farol – São Luís (MA).

analítico consiste em sua pluralidade, o que implica em abandonar a ideia de que uma escola seria superior à outra. Afirmando ter observado, no mundo inteiro, diferentes práticas que são eficazes, ela sustenta, entretanto, que algumas devem ser banidas, na medida em que se tratam pura e simplesmente de charlatanismo – tal como a institucionalização das sessões curtas, por exemplo, que consistem em larga medida numa imitação inadvertida e desastrosa da clínica de Lacan, ou as sessões silenciosas em que o analista passa meses sem dizer nada ao analisando deitado no divã. Por fim, Roudinesco observa que “vira e mexe os psicanalistas franceses vão para o Brasil”. Segundo ela, enquanto na Argentina há um “espelhamento” da cultura europeia, no Brasil se “devora” esta mesma cultura ocidental, mas se “faz com ela uma outra coisa”.

Assim, esta entrevista se conclui abrindo uma porta para a belíssima contribuição de Denise Maurano e sua equipe: “A psicanálise, o barroco e o Brasil: entrelaçamentos” mostra como a chamada descoberta do Brasil, simultânea à emergência do estilo barroco, teve consequências no modo como a psicanálise entrou e foi assimilada nas terras tupiniquins. Para a autora, o barroco, longe de ser apenas um estilo nas artes, se apresenta como “um traço de cultura que configura nossa nação”. Desta maneira, ela propõe pensar nossa cultura brasileira “não tanto pela vertente do que nos falta, se comparados às ordenações clássicas, mas por uma ordem Outra que aqui vigora e que precisa ser reconstituída em sua positividade”. Neste momento de crise política e econômica, o artigo oferece uma preciosa contribuição para retomarmos traços de nossa cultura brasileira e barroca, afeita ao *Unheimlich*, que pode ser experimentada por nós não como um demérito em relação ao conhecimento produzido na Europa, inclusive no que diz respeito à psicanálise, originada na Viena *fin-de-siècle*, mas como uma configuração Outra, aberta ao campo do feminino e do inconsciente, lugar do paradoxo, onde os opostos coexistem.

No artigo “Arte é medida de segurança pública”, assinado também por Denise Maurano em coautoria com Betty Fuks e publicado originalmente no jornal *O Globo*, as autoras retomam o sintagma freudiano “trabalho de cultura” (*Kulturarbeit*) para resgatar o valor dado pela civilização grega antiga à arte: “Sábios foram os gregos que, na Antiguidade, quando inventaram a cidade, colocaram a barbárie em cena, no teatro, e assim encontraram um lugar para ela na vida pública”. Aproximando a proposta da *polis* grega, elas mostram que a tragédia nela encenada não tinha uma função apenas artística, mas também política, o que poderia nos conduzir a refletir sobre a arte nas nossas cidades brasileiras e reconhecer que a presença das Forças Armadas, tal como ocorreu nas comunidades cariocas, não deveria transformá-las num “front de batalha”, sendo “fundamental que no vácuo desse deslocamento o trabalho social, que entendemos aqui como trabalho de cultura, de dignificação da condição humana, aconteça”.

Publicamos ainda o artigo “A relação mãe-filha e seus efeitos de devastação”, escrito por Joana Souza, em que a autora discute as especificidades da sexualidade feminina no contexto da relação da menina com a figura materna. Também incluímos o Boletim da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (SIHPP) de 18 de outubro, no qual constam, dentre várias outras notícias, aquela

referente ao leilão das cartas que Lacan trocou com os matemáticos Pierre Soury e Michel Thomé durante o período de seu ensino conhecido como borromeano e topológico (1973-1979).

Compartilhando algumas das diversas experiências de estudo e trabalho ocorridas no Corpo Freudiano durante o mês de outubro, destacamos o texto elaborado por Flávia Borges sobre o seminário “O Imaginário no ensino de Jacques Lacan”, proferido por Marlise D’Icarahy no Núcleo Teresópolis, e a matéria escrita por Paula Marimbondo e Vivian Ligeiro sobre a série de 3+1 conferências de Marco Antonio Coutinho Jorge em Paris. Nelas, o diretor da Seção Rio apresentou uma rica e consistente articulação entre os três ciclos fundamentais que ele depreendeu da obra freudiana² e três trilogias de conceitos nucleares da psicanálise. O esquema abaixo explicita e resume esta construção:

- 1 Ciclo do inconsciente – Real, Simbólico, Imaginário.
- 2 Ciclo da fantasia – Amor, desejo, gozo.
- 3 Ciclo da técnica – Amar, trabalhar, deliberar.

O renomado psicanalista carioca também proferiu +1 conferência, na qual ressaltou o caráter de fenômeno de massa adquirido recentemente pela transexualidade, questão sobre a qual ele vem trabalhando em coautoria com a psicanalista Natália Travassos.

Convidamos todos a conferirem também os próximos eventos que acontecerão ao longo do mês e esperamos encontrá-los em São Luís para nos enriquecermos de psicanálise e da cultura deste nosso gigantesco país, cujas cidades, como em sua entrevista Roudinesco afirmou com razão, “são como países diferentes”.

Rio de Janeiro, 1º de novembro de 2017
Bruno Albuquerque
Editor



² Para mais detalhes, consultar sua trilogia *Os fundamentos da psicanálise, de Freud a Lacan*.

2) Memória e instituição

Transmissão, continuidade, descontinuidade...

Ressonâncias do VI Encontro Nacional – Búzios 2016

Por: Macla Ribeiro Nunes



No encerramento do VI Encontro Nacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, realizado ano passado, em Búzios/RJ, tivemos a oportunidade de ouvir representantes das Seções e Núcleos da Escola em breves exposições sobre questões advindas da experiência com a formação analítica e a estrutura de seu funcionamento em cada local. Esse foi um momento cuidadosamente reservado para uma “Conversa sobre a Formação Analítica no Corpo Freudiano”, a partir da sugestão feita ao final do V Encontro Nacional em Belém por Francisco Frazão, da Seção São Luís.

Além de possibilitar que conheçamos um pouco sobre cada realidade e suas realizações, esse espaço também possibilitou interessantes trocas a respeito de preocupações como a continuidade das iniciativas e das atividades diversas; o crescimento numérico – ou não – das Escolas; ou mesmo a qualidade da presença e da expressão de algumas Escolas em seu contexto.

A tônica comum, inconfundível, era a de um entusiasmo desejante na sustentação do movimento psicanalítico nesses locais, que também não deixa de ser investimento na presença e na sustentação do discurso psicanalítico na cultura, no mundo – em solos cada vez menos fecundos, é preciso dizer, e tempos cada vez menos propícios, como nos tem parecido atualmente. Cabe, então, trazer novamente palavras que nos animem, que transmitam e nos ensinem algo sobre o “discernimento analítico” e sobre a aposta na psicanálise, como as que Marco Antonio Coutinho Jorge, diretor da Seção Rio de Janeiro, proferiu ao final dessa conversa.

Transcrição e estabelecimento do texto: Macla Ribeiro Nunes

“[...] Hoje nós temos uma situação da psicanálise muito específica, uma difusão da psicanálise, uma força da psicanálise brasileira diante de todo o mundo. A existência do Corpo Freudiano Seção Paris mostra isso, o quanto a psicanálise brasileira consegue sensibilizar o espírito, a inteligência e a formação francesa, dando um retorno de possibilidade de novas criações como Paolo Lollo trouxe durante o Encontro.

Essas entradas e saídas que alguns comentaram, que também existem no Rio, elas correspondem aos investimentos da libido, que são assim mesmo. Nós investimos o objeto e desinvestimos, investimos e desinvestimos. Como num começo de namoro, e todo começo de namoro é assim. Quando começamos a namorar, a libido vai pro objeto e volta, vai e volta, vai e volta, até que ela decida, que haja uma decisão, a da escolha do objeto. Então, essas idas e vindas, nós temos que saber que, analiticamente, elas são estruturais, são estruturantes. E quando a libido vier pra gente, a gente tem que segurar, segurar na mão quando ela chega. Mas se ela tiver que voltar, não tem problema, é isso mesmo.

O importante é que nós estamos fazendo. E de tudo que eu ouvi, fiquei impressionado com a qualidade do empenho. Nós nunca fazemos a coisa mais ideal, a mais perfeita, nem muitas vezes o que gostaríamos de fazer. Mas dentro desses ideais do que a gente gostaria, a gente faz o que é possível, e eu ouvi que vocês estão fazendo muita coisa, com muito entusiasmo. E eu imagino que isso esteja ocorrendo em todas as Seções e Núcleos também, que eu conheço, e que não chegaram a falar, mas que eu incluo também nessa dimensão, de um trabalho empenhado, entusiasmado, em que a libido escolheu ficar com a psicanálise. Em idas e vindas, acabaram decidindo por essa escolha, desse objeto maravilhoso que é a psicanálise. E nós sabemos valorizar o quanto ela é importante pra nós e para a existência do ser humano e da cultura humana.

Eu vejo muito trabalho em todas as Seções e Núcleos, trabalhos, projetos, ideias – o que mais precisa haver senão isso? Isso já é muita coisa. E quando há muito trabalho, existe o quê? A transferência de trabalho. Esse sintagma que Lacan criou, “transferência de trabalho” – invertendo o sintagma freudiano que é o “trabalho da transferência” –, Lacan cria esse sintagma para pensar com a gente que na Escola existe o trabalho para que possa haver adesão a esse trabalho, a transferência com o trabalho, que é uma parte que a gente vê que é fundamental dentro da Escola, junto com a transferência analítica, evidentemente.

O número de pessoas não importa. O Rio de Janeiro está com 170, o que aparentemente é um sucesso, mas todo sucesso traz o peso do desgaste que ele produz. Então, no Rio nós temos hoje uma preocupação grande e um empenho em tentar fazer com que esse sucesso numérico de adesão – e que nós acolhemos, porque é significativo –, que ele encontre na Escola um lugar e uma recepção para o trabalho, o que não é fácil, porque nós não temos assim tantas pessoas no Rio de Janeiro que proponham um trabalho e que apresentem propostas de trabalho nas quais os outros possam se engajar. Mas a gente faz o que a gente pode.

Eu, por exemplo, pessoalmente, já tenho meu seminário há vinte e dois anos terças-feiras à noite, exceto a última do mês; e há dois anos eu criei um seminário quinta de manhã para o público do Corpo Seção Rio que só frequenta as manhãs, que nunca vai no meu seminário à noite. E que eu gostaria de conhecê-los, uma turma super legal. Fico surpreso que, às 8h da manhã, trinta, quarenta, cinquenta pessoas vão pro meu seminário trabalhar, e a gente está continuando assim.

E pra terminar, eu diria que essa história, vários depoimentos falaram dessa coisa da cidade com as outras Escolas, com essa presença de diferentes Escolas. A história da psicanálise, ela tem isso, ela apresenta isso, existe uma história ligada às cisões, às divisões, às rupturas e às recriações das quais nós fazemos parte. Nós fazemos parte também dessas emergências e dessas disrupções que acontecem na psicanálise e que nós sabemos que são, por um lado, disruptivas e, por outro lado, criativas. Nós tentamos com o Corpo Freudiano criar alguma coisa nova, a qual nós estamos tentando até hoje, felizmente com vocês. Então, a gente está conseguindo levar adiante um projeto o qual nós não sabíamos, há vinte e dois anos atrás, o que é que seria. Um projeto que foi considerado delirante, porque numa cidade como o Rio de Janeiro, onde existiam trinta Escolas de Psicanálise, criar mais uma? Só delírio mesmo. Não havia dúvida de que era um delírio. Mas nós apostamos nesse delírio, e nós entramos num lugar no Rio de Janeiro, e depois com vocês no Brasil, que me parece que era esperado.

Havia uma espera, de muita gente, de todos nós aqui, de muita gente, de um lugar em que a Psicanálise pudesse respirar e se oxigenar como ela precisa – e ela vive disso. Ela vive da liberdade, e se a regra fundamental da psicanálise é a associação livre – a psicanálise tem liberdade no cerne da experiência dela – e essa associação livre, a gente pode importar ela para nossas Escolas, que tem que ser Associações livres também – livres de comando, livres de mando etc., que vocês sabem.

Então, o que a gente faz quando se cria um Núcleo ou uma Seção do Corpo em qualquer lugar do Brasil ou do mundo, é criar um novo espaço transferencial. Temos que pensar nessas questões analiticamente: um novo espaço transferencial. Quando a gente cria um novo espaço transferencial, os outros que já existem se sentem ameaçados e é natural que eles se sintam. Existe uma disputa no mundo, dos espaços transferenciais. Só que nós existimos. E, como alguém disse, Ana Lúcia Carvalho também falou, “existem outras Escolas”, e é isso mesmo. E existimos nós que estamos caminhando dentro do que nós queremos sem nos submeter a uma hegemonia internacional, a qual nós já vimos claramente que é pernicioso para a psicanálise.

Em relação ao pedido de Francisco Frazão, ao qual nós tentamos responder com essa reunião aqui, ele é fundamental, um espaço sobre a formação do analista, e que estará sempre presente nas nossas reuniões anuais. Eu lembro que o nosso I Encontro Nacional foi em São Luís, no ano de 2008, e o tema era “A formação do psicanalista e a transmissão da psicanálise... estilo do psicanalista?”. Então, essa questão está presente desde o início dos nossos Encontros e ela precisa realmente continuar presente.

Alguém falou do estilo do Corpo Freudiano. Ouvi coisas muito interessantes, e Eliza Landi trouxe também pontuações muito interessantes sobre a experiência em Goiânia, ela falou de “momentos formativos”, e da exigência grande da análise quando a gente ensina (se não vira uma outra coisa). Achei interessante, por exemplo, diminuir a posição apassivada daqueles que estão recebendo o ensino. Tudo isso é nossa preocupação constante, todas essas questões nos interessam o tempo todo. E que bom, que bom que a gente está fazendo valer essas dimensões. Então, era isso o que eu tinha pra dizer. Obrigado.”



Convites³

Chawki Azouri, psiquiatra e psicanalista, chefe do serviço de psiquiatria e psicoterapia institucional que fundou em 2006 no Hospital Monte Líbano em Beirute, foi aluno de Maud e Octave Mannoni.



“Sobre o tema do colóquio e a tradução do meu livro, pela qual agradeço muito a Marco Antonio Coutinho Jorge, minha apresentação vai girar em torno da frase *Triunfei onde o paranoico fracassa*, que foi dita por Freud a Ferenczi em 1910, para encerrar um debate entre eles. Mas ao mesmo tempo, logo depois de terminar seu manuscrito sobre *Schreber*, Freud escreve a Jung que não se sente seguro de ter conseguido manter afastados seus próprios complexos (Fliess) e pede a Jung para criticá-lo. Durante cinquenta anos na instituição não houve nenhuma crítica, nenhuma interpretação diferente do escrito de Freud sobre Schreber. Por quê? Tentarei mostrar a vocês durante minha apresentação e nossas trocas durante o congresso. Obrigado”.



Marco Antonio Coutinho Jorge, psiquiatra, psicanalista, diretor da Seção Rio, membro fundador do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, membro de Insistance e da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (SIHPP), professor no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PGPSA/UERJ).

“Gostaria de convidá-los a participar do VII Encontro Nacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, que esse ano será realizado em São Luís do Maranhão, entre 23 e 26 de novembro. O tema do encontro este ano será “Uma janela para o real: a fantasia na psicanálise” e nós teremos, além da presença de muitos brasileiros, com os seus trabalhos e contribuições, a presença de convidados estrangeiros, como Chawki Azouri, que vem do Líbano, Paola Mieli, que vem de Nova Iorque, Paolo Lollo, Jean-Michel Vivès e Frederic Vinot, que vêm da França. Um abraço!”.

³ Transcrição e estabelecimento dos textos a partir dos vídeos: Bruno Albuquerque.



Jean Michel Vives, psicanalista, membro de *Insistance*, membro da Seção Rio e professor de psicanálise e de psicopatologia na Universidade de Nice (França).

“Minhas pesquisas tratam da importância do objeto voz na constituição do sujeito psíquico. Durante o Colóquio do Corpo Freudiano em São Luís, falarei do passe ressonante do autista. Passe que se caracteriza da passagem da cessão impossível do objeto voz ao investimento possível de uma voz. Espero ouvir vozes e encontrar vocês em São Luís. Até lá!”.

Frédéric Vinot, psicanalista membro de *Insistance* e professor na Universidade de Nice (França).



“Participarei do Colóquio do Corpo Freudiano em São Luís, que acontecerá em breve. Falarei de uma tradução possível do texto de Freud *Ein Kind wird geschlagen*. A palavra utilizada por Freud para dizer *schlagen*, bater, tem várias significações. Com certeza pode significar “bater” no sentido de “dar pancadas”, “golpear”, mas temos também uma significação que significa “marcar o ritmo”, “ritmar”, “batida rítmica”. Em alemão se diz *den takt schalgen*. Então, haveria uma possibilidade de traduzir o título de Freud *Ein Kind wird geschlagen* por “Uma criança é ritmada”. Voilà. É sobre esta questão que eu falarei em São Luís. Dito de outra maneira, o lugar do ritmo na fantasia. Obrigado e até breve”.

Paolo Lollo, psicanalista, membro da Seção Paris e pesquisador na Universidade Paris XIII.



“Minha pesquisa é sobre a relação da psicanálise com a arte, a literatura e a política, ou seja, a relação do sujeito com o Real. Durante o Colóquio do Corpo Freudiano em São Luís, apresentarei para vocês uma janela especial que desvende o segredo da literatura. A fantasia na literatura – e na vida – permite o nosso encontro com o impossível, com o real. A origem da literatura italiana é uma experiência singular de Dante Alighieri, poeta italiano do século XIII. É uma experiência limite que o leva a encontrar – ao mesmo tempo – o amor e a morte. Nesta passagem, o poeta empreende uma experiência de vida nova, que abrirá os territórios da literatura. Espero encontrar você lá”.



Sonia Leite, psicanalista membro da Seção Rio, professora e supervisora de psicanálise.

“Gostaria de convidá-los para o nosso próximo encontro, na cidade de São Luís, que ocorrerá do dia 23 ao dia 26 de novembro, cujo tema é ‘Uma janela para o real: a fantasia na psicanálise’. A realidade se constitui à medida que algo se delimita enquanto espaço e tempo, localizando o sujeito. O espelho, assim como a janela, enquanto metáforas em Lacan, demarcam o necessário recorte num espaço inicialmente vivido como infinito. Se o final de uma análise se relaciona com a travessia da fantasia, o que se reencontra seria, então, um espaço infinito inominável. Mas como dizê-lo? O que se aprende de novo nessa experiência? E qual o lugar, para o analista, nesse momento crucial. É sobre essas e outras questões que eu gostaria de conversar com vocês em novembro. Até breve!”

Denise Maurano, psicanalista membro da Seção Rio, professora associada da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).



“Olá, eu sou Denise Maurano, psicanalista. Estou aqui para convidá-los para o VII Encontro Nacional e VII Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise. Ele vai acontecer em São Luís, entre os dias 23 e 26 de novembro e contará com a participação tanto de colegas brasileiros quanto de colegas de várias partes do mundo. Há muitos anos atrás fizemos em São Luís o nosso I Encontro Nacional. Agora retornamos para discutirmos o tema ‘Uma janela para o real’ ou ‘A fantasia na psicanálise’. Nessa cidade tão cheia de janelas, vamos discutir esse assunto. O Real é sempre alguma coisa que mostra para a gente que as coisas não estão ao alcance das nossas mãos, como gostaríamos que elas estivessem. Resta-nos a fantasia e modos de lidarmos, então, com esse Real. Venham discutir isso com a gente, o que vocês acham disso? Estarei esperando vocês lá”.

Programação do VII Encontro Nacional São Luís 2017
“Uma janela para o Real: a fantasia na psicanálise”

Quinta-feira (23/11/2017)

08h00 – 10h00	Credenciamento	
09h15 – 12h45	I Simpósio da Rede de Psicanálise e Psiquiatria do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise Coordenação: Mário Eduardo Costa Pereira (Núcleo São Paulo)	
	09h15 – 10h30	Mesa 1 <i>“Psiquiatria baseada no sujeito”</i> : o sujeito da psicanálise como fundamento ético para a clínica psiquiátrica Mário Eduardo Costa Pereira (Núcleo São Paulo) <i>Psiquiatria e psicanálise hoje: um diálogo possível?</i> Francisco Frazão (Seção São Luís) <i>Contribuições da dimensão ética da psicanálise à psiquiatria</i> Natasha Malo de Senço (Núcleo São Paulo) <i>Algumas questões a respeito da escuta psicanalítica de uma prática psiquiátrica</i> Ligia Haeitmann (Núcleo Macaé)
	10h30 – 11h00	Debates com a plateia
	11h00 – 11h15	Intervalo
	11h15 – 12h15	Mesa 2 <i>Considerações sobre a nascente: psiquiatria, psicanálise e suas irredutíveis origens na medicina</i> Maria Teresa Martins Ramos Lamberte (Núcleo São Paulo) <i>Reflexões sobre as contribuições da psicanálise na prática clínica em psiquiatria</i> Aline Machado Samaoui (Seção Rio de Janeiro) <i>Diagnóstico diferencial e sujeito da diferença na cultura do autodiagnóstico</i> Marco Antonio Coutinho Jorge (Seção Rio de Janeiro)
	12h15 – 12h45	Debates com a plateia

12h45 – 14h30	Almoço
14h30 – 16h00	Mesa redonda Coordenação: Marco Antonio Coutinho Jorge <i>A transexualidade na atualidade</i> (discussão sobre o filme <i>A garota dinamarquesa</i> , de Tom Hooper) Ediane Brito (Médica Coordenadora do Ambulatório sobre Sexualidade do HUMI/UFMA) Natália Travassos (Seção Rio de Janeiro) William Amorim (Seção São Luís)
16h00 – 17h00	Homenagem a Arlete Nogueira da Cruz: “ <i>Litania da Velha</i> ”
17h00 – 17h30	Coffee break
17h30 – 18h30	Lançamento de livros Chawki Azouri, <i>Tive êxito onde o paranoico fracassa</i> (Contra Capa) Sílvia Souza Levy e Maria Filomena Pinheiro Dias (orgs.), <i>A céu aberto – as psicoses na clínica psicanalítica</i> (Contra Capa) Betty Fuks, <i>O homem Moisés e a religião monoteísta</i> (Civilização Brasileira) Elisabeth Bittencourt, <i>Rumores internos... Entre o Mal-estar, a Psicanálise e o Direito</i> (Empório do Direito) Marco Antonio Coutinho Jorge, <i>Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, Volume 3: a prática analítica</i> (Zahar)
18h30 – 19h00	Solenidade de abertura Marco Antonio Coutinho Jorge (Seção Rio de Janeiro) William Amorim (Seção São Luís)
19h00 – 20h30	Conferência de abertura Coordenação: Francisco Frazão (Seção São Luís) <i>A fantasia Schreber: obstáculo à “travessia da fantasia”</i> Chawki Azouri (Société Libanaise de Psychanalyse, Beirute)
20h30	Atração cultural <i>Boi Barrica</i>

Sexta-feira (24/11/2017)

Mesas simultâneas	
08h30 – 09h30 Auditório I	<p>Eixo: Fantasia e cultura Coordenação: Sônia Leite (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>O <i>Geschlecht</i> freudiano: a psicanálise é uma teoria do gênero? Allyson Perez (Seção São Luís)</p> <p>O desempenho do supereu Mayra Carneiro de Carvalho (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>A escolha homossexual e a saída transexual Natália Pereira Travassos (Seção Rio de Janeiro)</p>
08h30 – 09h30 Auditório II	<p>Eixos: Do sintoma ao sinthoma e O desejo do psicanalista Coordenação: Monica Brito (Seção Imperatriz)</p> <p>“Transmitir é uma peste!” – um ensaio sobre desamparo, desejo e formação Fernanda Cabral Samico (Núcleo Vassouras)</p> <p>Fantasia, real do sintoma e impossível – articulações Lucia Maria de Freitas Perez (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>Psicossomática e fenômeno psicossomático Rildo Santos Loureiro (Núcleo Macaé)</p>
08h30 – 09h30 Auditório III	<p>Eixo: Fantasia e cultura Coordenação: Márcia Smolka (Núcleo Cuiabá)</p> <p>A fantasia de completude e os aplicativos de relacionamento – janela (“fechada”) para o impossível da relação sexual Lavínia C. Brito (Núcleo Barra Mansa)</p> <p>“O sobre-peso de um sintoma” – um caso de obesidade feminina Lígia Haeitmann, Paulo Vinícius Nunes de Oliveira e Vera Maria M. B. Fragoso (Núcleo Macaé)</p> <p>A cultura do consumo e a angústia frente à face do real pela tal bolsa de grife... Pâmela Mizurini (Seção Rio de Janeiro)</p>
08h30 – 09h30 Auditório IV	<p>Eixo: O real e a fantasia na arte Coordenação: Maria Ormy Moraes Madeira (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>A dimensão do real na linguagem Cláudia Braga de Andrade (Seção Rio de Janeiro)</p>

	<p>A chegada: a linguagem, o tempo e o outro que habita em nós Maria Teresa Martins Ramos Lamberte (Núcleo São Paulo)</p> <p>Caindo no real Vânia Monteiro de Menezes (Núcleo Cuiabá)</p>
<p>09h30 – 10h30 Auditório I</p>	<p>Eixo: O real e a fantasia na arte Coordenação: Fernanda Samico (Núcleo Vassouras)</p> <p>Ecos de um sentir cotidiano – <i>narrativas, poesia e a escuta psicanalítica no trabalho em UTI neonatal e pediátrica</i> Camila Butinholti Rangel (Núcleo Macaé)</p> <p>A psicanálise e a arte surrealista: a fantasia e a possibilidade de inscrição no real Flávia Costa Haidar (Acadêmica de Psicologia – UFMA)</p> <p>O instante da fantasia: o que um psicanalista pode ver numa fotografia? Patrick Werner dos Anjos (Seção Rio de Janeiro)</p>
<p>09h30 – 10h30 Auditório II</p>	<p>Eixo: Fim de análise e travessia da fantasia Coordenação: Vera Fragoso (Núcleo Macaé)</p> <p>A experiência mística, mais além da fantasia Denise Maurano e Bruno Albuquerque (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>Travessia da fantasia, trabalho de luto e solidão Elizabeth Cristina Landi (Seção Goiânia)</p> <p>Como surge um analista? ... repercussões da travessia da fantasia na transmissão e na sustentação do discurso analítico Macla Ribeiro Nunes (Seção Rio de Janeiro)</p>
<p>09h30 – 10h30 Auditório III</p>	<p>Eixos: Angústia, fantasia e desejo e O real e a fantasia na arte Coordenação: Nadiá Paulo Ferreira (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>Incidências da UTI na produção fantasística do paciente Francisco Magno Lima Alves (Seção Teresina)</p> <p>A construção da fantasia fundamental Odimar Araújo Feitosa Filho (UFC-Sobral)</p> <p>A fantasia fundamental e o sublime: uma aproximação entre Lacan e Kant Patrick de Oliveira Almeida (Seção Fortaleza)</p>
<p>09h30 – 10h30 Auditório IV</p>	<p>Eixo: O desejo do psicanalista Coordenação: Denise Saleme Maciel Gondim (Seção Campos dos Goytacazes)</p> <p>Histeria: história que transmite... Aline Machado Samaoui (Seção Rio de Janeiro)</p>

	<p>Reflexões sobre a formação do analista Altair J. Santos (Seção Goiânia)</p> <p>O desejo do psicanalista e o desejo de escola: as questões que envolvem um coletivo em torno da clínica em psicanálise Maria Teresa Martins Ramos Lamberte (Núcleo São Paulo)</p>
10h30 – 11h00	Coffee break
11h00 – 12h00 Auditório I	<p>Conferência Coordenação: Ligia Haeitmann (Núcleo Macaé) <i>Da travessia do fantasma à identificação ao sintoma</i> Domingos Infante (São Paulo)</p>
12h00 – 14h30	Almoço
14h30 – 15h30 Auditório I	<p>Conferência Coordenação: Laéria Fontenele (Seção Fortaleza) <i>Deh vieni alla finestra a mio tesoro: quando o real nos chama</i> Paolo Lollo (Seção Paris, França)</p>
Mesas simultâneas	
15h30 – 16h30 Auditório I	<p>Eixo: Fantasia e cultura Coordenação: Maria Fernanda Bumlai (Núcleo Cuiabá)</p> <p>Xenofobia: tema da atualidade Betty B. Fuks (Rio de Janeiro)</p> <p>Amor e democracia na era do gozo neoliberal Janaina Bianchi (Núcleo Dourados)</p> <p>A pesquisa da transmissão de pensamento na psicanálise contemporânea Ronald de Paula Araújo (Seção Fortaleza)</p>
15h30 – 16h30 Auditório II	<p>Eixo: Fim de análise e travessia da fantasia Coordenação: Patrick Werner dos Anjos (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>Gozo sintomático no fim da análise Geane Moraes Coelho (UEMG/Divinópolis-MG)</p> <p>Três tempos da fantasia: entre imagem e frase Igor Siqueira Lima (Seção Goiânia)</p> <p>O que esperar de uma análise? Juliana de Moraes Leal Vaz (Seção Rio de Janeiro)</p>

15h30 – 16h30 Auditório III	<p>Eixo: Amor, desejo e gozo Coordenação: Terezinha Pereira de Jesus (Seção São Luís)</p> <p>“Da fantasia fundamental ao masoquista...” Cassia Amara da C. B. de Azevedo (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>Fantasia perversa: matriz neurótica ou defesa psicótica? Dercirier Gonçalves Freire (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>Fantasia: uma janela para o sujeito Marlise Eugenie D’Icarahy (Seção Rio de Janeiro)</p>
15h30 – 16h30 Auditório IV	<p>Eixos: Amor, desejo e gozo e Angústia, fantasia e desejo Coordenação: Érika Almeida Lauletta (Seção São Luís)</p> <p>Enlace clínica e hospital: câncer, morte, luto e psicanálise Bruno Ricardo Marques Araújo (Seção São Luís)</p> <p>A gramática do desejo da angústia Genaldo Dantas Neto (Núcleo Nova Friburgo)</p> <p>No amor, procura sua cara metade... Lusimar de Melo Pontes (Núcleo São Paulo)</p>
16h30 – 17h00	<p>Coffee break</p>
17h00 – 18h00 Auditório I	<p>Eixo: Fantasia e cultura Coordenação: Marlise Eugenie D’Icarahy (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>A fantasia em contraposição à performatividade de gênero: adequação a um dispositivo de sexualidade Alcimar Queiroz (Núcleo Dourados)</p> <p>“O estilo da negação”, poesia e revolução: de um laço que não fosse estado (ou ainda: Debord com Lacan) Ilana Amaral (Seção Fortaleza)</p> <p>Algumas relações entre o narcisismo e a formação da cultura Morena Simonetti e Ruth Arielle Nascimento Viana (Seção Fortaleza)</p>
17h00 – 18h00 Auditório II	<p>Eixo: Fantasia e cultura Coordenação: Ana Lília Menezes (Seção São Luís)</p> <p>Psicanálise e medicina: quando o sujeito diz não ao discurso do mestre Denise Saleme Maciel Gondim (Seção Campos dos Goytacazes)</p> <p>Criatividade, singularidade e reinvenção de si no espaço urbano Irllys Alencar F. Barreira (Seção Fortaleza)</p> <p>Isaías Caminha e sua fantasia de “ser um grande homem” Maria Celeste Magalhães Cordeiro (Seção Fortaleza)</p>

17h00 – 18h00 Auditório III	<p>Eixo: O desejo do psicanalista Coordenação: Lucia Perez (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>Psicanálise e instituição de saúde: o desejo do psicanalista em um modelo de atendimento de curta duração Caroline Pinheiro Lobato (Belém)</p> <p>O desejo puro: uma janela para o real Heloneida Neri e Tania Grego Rosas (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>O desejo decidido na formação: análise pessoal, transferência de trabalho e transmissão José Samuel de Miranda Melo Neto (Seção São Luís)</p> <p>A formação do psicanalista: travessia da teoria e transferência de trabalho Kristine Piorsky (Seção São Luís)</p>
17h00 – 18h00 Auditório IV	<p>Eixo: O real e a fantasia na arte Coordenação: Allyson Perez (Seção São Luís)</p> <p>“Isso é realmente um poema: uma frase que cala” ou a fantasia invadiu a sala de aula Márcia Xavier e Cecília Sousa de Moraes (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>Fernando Pessoa, discípulo de Alberto Caeiro: o guardador de rebanhos que nunca guardou rebanhos Nadiá Paulo Ferreira (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>Na ventania, uma narrativa do trauma: cartas de amor como construção de um lugar de memória Soraya Fernandes Alves (Núcleo Macaé)</p>
18h00 – 18h30	Intervalo
18h30 – 19h30	<p>Conferência Coordenação: Altair J Santos (Seção Goiânia) <i>Trans-formações da histeria na era da ciência e da globalização</i> Marco Antonio Coutinho Jorge (Seção Rio de Janeiro) Natália Travassos (Seção Rio de Janeiro)</p>
19h30	<p>Atração cultural <i>Tambor de Crioula</i></p>

Sábado (25/11/2017)

Mesas simultâneas	
08h30 – 09h30 Auditório I	<p>Eixo: Amor, desejo e gozo Coordenação: Ronald de Paula Araújo (Seção Fortaleza)</p> <p>Relações entre amor e desejo na neurose obsessiva Camila Ricarte (Seção Fortaleza)</p> <p>Memórias da misoginia e do feminicídio: expressões do horror ao feminino? Denise Maurano e Joana Souza (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>A pedofilia na psicanálise a partir da noção de fetiche como paradigma da perversão Henrique Asfor Pinheiro (Seção Fortaleza)</p>
08h30 – 09h30 Auditório II	<p>Eixo: Fantasia e cultura Coordenação: Ana Lúcia Carvalho (Núcleo João Pessoa)</p> <p>Sonho e fantasia: cinema e psicanálise na cultura Alderon Marques Cantanhede (Seção Teresina)</p> <p>A fantasia no conto infantil: o que se repete no que se conta? Ana Lília Menezes (Seção São Luís)</p> <p>Os desejos proibidos e as pulsões agressivas dos sujeitos: uma discussão sobre a passagem ao ato Ester Isabel Pinheiro Galvão (Seção Teresina)</p>
08h30 – 09h30 Auditório III	<p>Eixos: Fantasia e clínica com crianças e Fantasia e adolescência Coordenação: Sílvia Levy (Seção Belém)</p> <p>Ideação suicida em adolescentes de uma escola pública de São Luís: uma visão psicanalítica Ana Paula Rezzo Pires Reinert (Seção São Luís) e Rômulo Cesar Rezzo Pires (NIPE-FACAM)</p> <p>Política e clínica: um trabalho possível com adolescentes na escola Claudio Ramos Peixoto e Joyce de Paula e Silva (Núcleo Vassouras)</p> <p>Uma janela para o Simbólico, emoldurando o Real: considerações a partir do trabalho com crianças e adolescentes em situação de abandono e maus tratos severos Lícia Carvalho Marques (Rio de Janeiro)</p>

<p>08h30 – 09h30 Auditório IV</p>	<p>Eixos: O Real e a fantasia na arte e Fantasia e adolescência Coordenação: Nadiá Paulo Ferreira (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>Clínica com adolescentes hoje Carlos Alberto de Mattos Ferreira (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>O lugar da fantasia no silêncio e 4'33" Paula Rego Monteiro (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>Há uma mulher aí embaixo: duas formas de apresentação do objeto na fotografia de Helmut Newton Tarcísio Greggio (FCCL / Juiz de Fora)</p>
<p>09h30 – 10h30 Auditório I</p>	<p>Eixo: fantasia e cultura Coordenação: Maria Filomena Pinheiro Dias (Seção Belém)</p> <p>Quando os cazumbás saem por aí... Performance com os Cazumbinhas da Floresta e homenagem a Abel Teixeira Elisabeth Bittencourt (Escola Lacaniana do Rio de Janeiro)</p> <p>As relações entre o transmissível e o intransmissível na cultura Ruth Arielle Nascimento Viana (Seção Fortaleza)</p>
<p>09h30 – 10h30 Auditório II</p>	<p>Eixo: Angústia, fantasia e desejo Coordenação: Elizabeth Cristina Landi (Seção Goiânia)</p> <p>A fantasia rarefeita das manifestações psicossomáticas Maria Ormy Moraes Madeira (Seção Rio de Janeiro)</p> <p><i>Walt Elias Disney</i> e a construção do mundo da fantasia Renata Motta Vasconcellos (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>O que Machado de Assis e Guimarães Rosa podem nos ensinar sobre as vicissitudes de <i>Unheimliche</i> na análise? William Amorim (Seção São Luís)</p>
<p>09h30 – 10h30 Auditório III</p>	<p>Eixos: Angústia, fantasia e desejo e O Real e a fantasia na arte Coordenação: Júlia Soares (Seção São Luís)</p> <p>Fantasia e o Nome-do-Pai Maria Luzia Pôrto Nolêto de Souza (Seção Teresina)</p> <p>Terror noturno e sonho de angústia: o grito que não cessa frente ao traumático Mariana Rodrigues Anconi (Núcleo São Paulo)</p> <p>De Macabéa às Minas do Slam ou No Princípio era a Voz Numa Ciro (Seção Rio de Janeiro)</p>

09h30 – 10h30 Auditório IV	Eixos: Fantasia e clínica com crianças e Fantasia e adolescência Coordenação: Lavínia Brito (Núcleo Barra Mansa) “Bati!”: entre os tempos do brincar e os tempos da fantasia Débora Rocha (Recife) Essa vontade de viver me mata! Maria Teresa Martins Ramos Lamberte (Núcleo São Paulo) Considerações sobre o final de análise na clínica psicanalítica com crianças Teresinha Costa (Seção Rio de Janeiro)
10h30 – 11h00	Coffee break Atração cultural (Caixeiras do divino)
11h00 – 12h30 Auditório I	Conferência Coordenação: Mário Eduardo Costa Pereira (Núcleo São Paulo) <i>A batida da fantasia</i> Frédéric Vinot (Nice, França)
12h30 – 14h30	Almoço
14h30 – 15h30 Auditório I	Conferência Coordenação: Numa Ciro (Seção Rio de Janeiro) <i>Ressonância entre a memória, a música e a criação</i> Denise Maurano (Seção Rio de Janeiro)
Mesas simultâneas	
15h30 – 16h30 Auditório I	Eixo: O Real e a fantasia na arte Coordenação: Laéria Fontenele (Seção Fortaleza) O confessional para além do íntimo: o luto como efeito estético na escritura de Virginia Woolf Laéria Fontenele e Larissa Arruda Aguiar Alverne (Seção Fortaleza) Considerações sobre a morte e o real em “Mrs. Dalloway” de Virginia Woolf Larissa Arruda Aguiar Alverne e Laéria Fontenele (Seção Fortaleza) A fantasia de Danny Boodman T.D. Lemmon 1900 Wagner Chacon (Seção Fortaleza)
15h30 – 16h30 Auditório II	Eixo: O Real e a fantasia na arte Coordenação: Terezinha Pereira de Jesus (Seção São Luís) O bailar da falta: o desvelamento do real na dança de Pina Bausch Greta Fernandes Moreira (São Luís) Uma janela para o real: o testemunho imemorial de Ulisses Luciana Brandão Carreira (Seção Belém)

	<p>O que sustenta <i>Hamlet</i> na suspensão do seu desejo e sua relação com o gozo Maria das Graças Ramos Del Corso (Núcleo São Paulo)</p>
15h30 – 16h30 Auditório III	<p>Eixos: Final de análise e travessia da fantasia e O desejo do psicanalista Coordenação: Joana Souza (Núcleo Teresópolis)</p> <p>“Procura-se uma analista feminista”: as novas (?) demandas por identificação no cenário analítico e a responsabilidade do analista Camila Quinteiro Kushnir (Rio de Janeiro)</p> <p>A travessia para a criação Marcia Soares da Silveira Werneck (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>Abismos inomináveis e novação simbólica: questões sobre o final da análise Sonia Leite (Seção Rio de Janeiro)</p>
15h30 – 16h30 Auditório IV	<p>Eixos: Fantasia e cultura e Fantasia e clínica com crianças Coordenação: Joanita Ataíde (Seção São Luís)</p> <p>Uma desconstrução fantasística Maria Inês Barroso Salgado de Miranda (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>As influências socioculturais na formação do supereu Raphael Andrade (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>Morte e fantasia Julio Cezar de Oliveira Braga (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>A criança e a fantasia Rosa Helena Ovidia (Seção Rio de Janeiro)</p> <p>100 anos de “Luto e Melancolia”: o que podemos dizer sobre depressão? Thomas Speroni (Seção Rio de Janeiro)</p>
17h00 – 18h00 Auditório I	<p>Conferência Coordenação: William Amorim (Seção São Luís) <i>O passe ressonante do autista</i> Jean-Michel Vivès (Seção Rio de Janeiro / Nice, França)</p>
18h00 – 19h30	Intervalo
19h30 – 21h00	Jantar de confraternização
21h00	<i>Show de Cecília Leite</i>

Domingo (26/11/2017)

08h30 – 09h30	Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras Denise Maurano (Seção Rio de Janeiro) Patrick Werner dos Anjos (Seção Rio de Janeiro) Monica Pereira Marques (Seção Imperatriz)
09h30 – 12h00	Conversa entre as Seções e Núcleos do Corpo Freudiano <i>seguida de Assembleia Geral da Escola</i>

3) Artigos e resenhas

Entrevista de Elisabeth Roudinesco sobre o Dicionário Amoroso da Psicanálise⁴



Elisabeth Roudinesco, 73, é historiadora da psicanálise e professora na *École Pratique des Hautes Études* em Paris, autora de obras traduzidas em vinte línguas. Entre elas, o *Dicionário de Psicanálise* (com Michel Plon) e a biografia *Sigmund Freud no seu tempo e no nosso*, publicada em 2015. Lança agora, na França, o *Dictionnaire Amoureux de la Psychanalyse* [Dicionário Amoroso da Psicanálise], para mostrar como a Psicanálise se valeu da Literatura, do Cinema, do Teatro e da Mitologia para se tornar uma cultura universal. A obra será publicada no Brasil em 2018 pela Editora Zahar. Segue a entrevista que Roudinesco deu em Paris para a Folha de São Paulo.

⁴ Publicado originalmente em 9 de outubro de 2017. Disponível em:
<<http://www.bettymilan.com.br/dicionario-amoroso-da-psicanalise/>>.

Betty Milan - Você escreveu *O Dicionário Amoroso da Psicanálise* depois do *Dicionário de Psicanálise*. Você gosta dos dicionários, não é?

Elisabeth Roudinesco - Gosto muito da forma do dicionário, das listas. A minha primeira leitura foi o dicionário, porque meu pai era um devorador de dicionários. Há diferentes tipos de dicionário, os da língua, as enciclopédias. Também gosto muito da internet.

Betty Milan - Qual a particularidade do *Dicionário Amoroso*?

Elisabeth Roudinesco - O princípio é que deve ser escrito na primeira pessoa, a escolha das diferentes entradas é arbitrária, e o desenvolvimento não é exaustivo.

Betty Milan - Como você escolheu as entradas?

Elisabeth Roudinesco - Fiz uma primeira lista e, depois, escolhi à medida que escrevia. Decidi, ao fazer a lista, que não haveria conceitos – inconsciente, consciência... somente temas – angústia, amor, eros, Édipo... Decidi só falar dos protagonistas do movimento psicanalítico ao abordar as cidades. Também falo de filmes, de escritores, romances, personagens de um romance que a gente encontra noutro...

Betty Milan - Por exemplo?

Elisabeth Roudinesco - Bardamu, personagem de *Voyage au bout de la nuit* (*Viagem ao fim da noite*, Louis-Ferdinand Céline), que reaparece num romance de Patrick Modiano sobre o qual eu queria escrever, *La Place de l'Étoile*, por se tratar da história de um personagem que vai fazer uma análise em Viena.

Betty Milan - Quais são os romances sobre os quais você escreveu?

Elisabeth Roudinesco - Sobretudo romances de autores que foram analisados, como Georges Perec, ou que fizeram da Psicanálise o seu tema. Também falo de Julien Green, por causa de um livro dele muito comentado pelos psicanalistas.

Betty Milan - Uma das entradas diz respeito a Hitler...

Elisabeth Roudinesco - Sim, falei de atores da história, que foram objeto de considerações dos psicanalistas. Fiz uma entrada sobre os presidentes americanos, por causa da loucura recorrente deles.

Betty Milan - Na introdução do livro, você lembra que há um mosaico de grupos de Psicanálise e que cada grupo pretende ser o bom em detrimento dos outros. Você acrescenta que a cultura psicanalítica só existe por ser plural e que, para compreendê-la, é necessário tirar da cabeça a ideia de uma escola ser superior à outra. Isso me parece importante. Seria possível desenvolver?

Elisabeth Roudinesco - Quando comecei a escrever sobre Psicanálise, em 1982, eu me dei conta de que a riqueza do movimento psicanalítico francês se devia à multiplicidade de grupos. Depois, verifiquei que era assim noutros países.

Betty Milan - Mas pode-se afirmar que todos os pontos de vista são bons quando se trata da cura analítica? O que me ocorre é a oposição de Lacan à Psicanálise do Ego.

Elisabeth Roudinesco - Sempre achei que Lacan tinha razão, do ponto de vista político, de se opor à Psicanálise do Ego, à dogmatização da *Ego Psychology* nos Estados Unidos, mas jamais considerei que os fundadores da Psicologia do Ego – os imigrantes vienenses, como Hartmann ou Loewenstein – devessem ser banidos do mundo psicanalítico. Melanie Klein e Lacan foram os grandes renovadores da sua época e eles renovaram através da contestação. Só que a contestação também acaba sendo acadêmica. Agora, do ponto de vista da cura, observei que há, no mundo inteiro, diferentes práticas que são eficazes. No entanto, há práticas que precisam ser banidas.

Betty Milan - O quê, por exemplo?

Elisabeth Roudinesco - As sessões curtas. Trata-se de um charlatanismo. Chamo de sessão curta toda sessão que tem menos de 15 minutos. Lacan foi um transgressor extraordinário, mas imitar Lacan é um desastre. A institucionalização da sessão curta deve ser banida. Agora, a cura analítica pode ser feita de diferentes maneiras. Os kleinianos tendem a procurar o núcleo psicótico em todos os neuróticos. Valorizam, sobretudo, a transferência e a contratransferência e interpretam muito. Os lacanianos fazem uma interpretação fundada na linguagem. Os freudianos clássicos focalizam o sexo. Acho que, além de banir a sessão curta, é preciso banir a sessão silenciosa. Não faz sentido o analisando ficar meses no divã sem ouvir a voz do analista. Trata-se de uma tendência que se desenvolveu na Sociedade Internacional de Psicanálise. Para os analistas desta sociedade, o paciente deve se virar sozinho.

Betty Milan - A primeira entrada do *Dicionário* é o amor. Trata-se de um tema que não precisa ser justificado, porque o amor é central na experiência analítica. O que você diz sobre a relação de Freud com a mãe dele é interessante...

Elisabeth Roudinesco - Freud sempre considerou que o primeiro objeto de amor é a mãe – ou o seu substituto. O laço materno é fundamental, e a criança sempre procura este laço. Minha mãe, que se ocupava de recém-nascidos abandonados, observou que, não havendo um ser humano que substitua a mãe, há carências muito graves. A relação com uma pessoa real é fundamental. Inútil tentar substituí-la por uma coletividade, uma chupeta, uma mamadeira ou um computador.

Betty Milan - Você também menciona o que Freud disse sobre o amor-paixão.

Elisabeth Roudinesco - Diz que nós não nos apaixonamos o tempo todo porque a paixão é destrutiva. Mas quem não viveu a paixão? Freud era um romântico. Isso a gente vê na correspondência dele para a futura esposa.

Betty Milan - Na entrada sobre o amor, você também fala de Lacan. Aborda a comparação que ele faz entre o amor homossexual e o amor cortês.

Elisabeth Roudinesco - Lacan sempre disse que havia no amor cortês algo de homossexual. Diz isso no famoso seminário sobre *O banquete*, de Platão. Para ele, o

amor é narcísico, e o que a gente procura no outro é a própria imagem – nós somos todos mais ou menos homossexuais. Lacan gostava da dimensão perversa do amor. Segundo ele, no amor, «a gente dá o que não tem para alguém que não quer o que a gente dá». Trata-se de uma ideia aterradora. Lacan era um cético, um libertino; simultaneamente, um homem do século XVIII e um homem moderno. Nesta entrada, eu também falo da correspondência amorosa que diz respeito à Psicanálise. Observei que, em todas as correspondências amorosas modernas, aparece o nome de Freud.

Betty Milan - Na entrada sobre a família, você diz que o processo de desfamiliarização da sociedade ocidental, efetuada pela invenção da Psicanálise, não corresponde à abolição da família, porém a sua perpetuação sob outras formas. Seria bom desenvolver...

Elisabeth Roudinesco - Como as mulheres passaram a trabalhar e o divórcio se tornou possível, considerou-se que era o fim da família. Verdade que nós passamos de dez crianças para duas crianças, mas as mulheres continuam a ter filhos. Por outro lado, verificamos que o divórcio não acabou com a família. Quando recomposta, ela não é pior do que a anterior. A ideia do fim da família é uma fantasia que existe desde sempre. Agora, se os homossexuais também querem fazer uma família, é porque esta é desejável.

Betty Milan - Há, no seu livro, uma bela entrada sobre as cidades brasileiras e a Psicanálise no Brasil. Nela, além de evocar Oswald de Andrade, que propunha “a degustação simbólica do colonizador”, você inscreve a Psicanálise brasileira na tradição antropofágica, o que me pareceu surpreendente, dado o gosto pela convenção dos franceses. O que os psicanalistas franceses têm a aprender com os brasileiros?

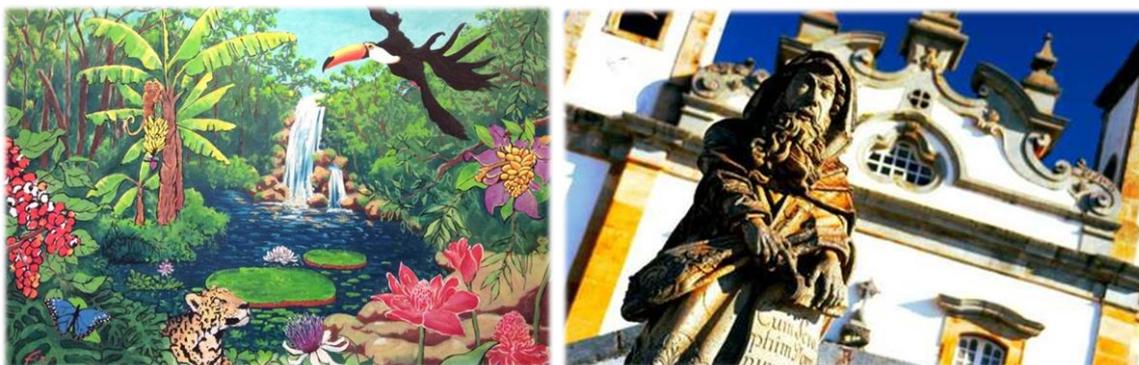
Elisabeth Roudinesco - O fato é que vira e mexe os psicanalistas franceses vão para o Brasil.

Betty Milan - Também vão para a Argentina...

Elisabeth Roudinesco - Se a gente compara a Psicanálise na Argentina e no Brasil, percebe que são completamente diferentes. Buenos Aires é uma cidade europeia. O Brasil é uma sociedade colonial, mestiça, com cidades imensas, que são como países diferentes. A cultura ocidental é devorada pelos brasileiros, que fazem com ela uma outra coisa. Não há espelhamento como na Argentina.

A psicanálise, o barroco e o Brasil: entrelaçamentos⁵

Por: Denise Maurano⁶



A chamada descoberta do Brasil é simultânea à emergência do que veio a ser qualificado como estilo barroco e é também concomitante à Contrarreforma da Igreja Católica, que encontra aqui solo fértil para as suas missões. No chamado Mundo Novo, com destaque especial para a América ibero-espanhola, essa expressão artística foi favorecida pelo viés da modernidade que se expandiu no veio das transformações e da articulação de fragmentos, numa mestiçagem que procedeu por uma particular conjugação, conferindo-lhe originalidade e extensão absolutamente especiais.

No caso do Brasil, vale destacar a exuberância desse estilo, que acabou por cunhar a marca da relação de um povo com a cultura que o constituiu, e que foi constituída por ele, trazendo consequências para a própria maneira pela qual a psicanálise entrou e foi assimilada largamente nesse país. Aqui, não foi propriamente os médicos que implantaram a psicanálise. O fato de que sua entrada majestosa tenha se dado pela mão de artistas, marcando presença na famosa Semana de Arte Moderna de 1922, não é de se desprezar. Nessa orgia da aparência, nessa exuberância visual que caracteriza o Brasil, a visão ordenada e autoritária da vida, tão cara ao estilo Clássico, é convocada a traduzir-se nas curvas da natureza humana e a incorporar sua selvageria, tanto para o melhor, quanto para o pior.

Há alguns anos, com as comemorações dos quinhentos anos da descoberta do Brasil, vivemos através de uma série de eventos a reavaliação de nosso barroco. Visto aqui não apenas como um estilo nas artes, mas como um traço de cultura que configura

⁵ Texto apresentado na Reunião Lacanoamericana de Psicanálise (LacanoRio 2017), ocorrida entre 18 e 21 de outubro de 2017 no Rio Othon Palace – Rio de Janeiro (RJ). Esse trabalho contou com a colaboração da equipe do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Cultura (NEPSC) com quem a autora trabalhava na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF): Bruno Wagner de Almeida Santana, Jean-Claude Soares, Vinícios Mendes, Rosemere Rocha, Ligia Dantas, Nilda Sirelli e Bruno Portes. Matriarcado de Pindorama - A presença do feminino na cultura brasileira. Sugerimos também assistir o vídeo “Matriarcado de Pindorama: a presença do feminino na cultura brasileira”, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4shZRXdIXss&app=desktop>>.

⁶ Psicanalista membro da Seção Rio, pós-doutora em Letras (PUC-Rio/Université Nice Sophie Antipolis – França), doutora em Filosofia (Universidade Paris XII/PUC-Rio), professora associada da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), atuando no Curso de Direito e no Programa de Pós-Graduação em Memória Social, autora de *Torções: a psicanálise, o barroco e o Brasil* (2011), dentre outros livros.

nossa nação, nos acalentou pensar que tal reavaliação talvez nos possibilitasse meios para melhor explorar essa nossa natureza, que se vista pelo prisma da ordenação clássica é mera selvageria, mas se abordada como uma maneira própria de organização, revela o humor, a musicalidade, a criatividade e o jogo de cintura, que faz com que, mesmo por vezes em condições inóspitas, esse país não perca seu entusiasmo e promova com sua renovada festa barroca a homeopatia da barbárie como via de fortalecimento de nossa civilidade (Maffesoli, 1996). O que essa festa promove é a expressão de uma abordagem da natureza humana, de onde a psicanálise extraiu sua concepção de sujeito, e seu modo próprio de clinicá-lo.

Nesse matriarcado de *Pindora*, nome da palmeira, princesa dos vegetais, pelo qual o Brasil foi outrora designado, o barroco e o feminino se mesclam, e funcionam como solo fecundo para fazer advir a *Outra Cena*, na qual a psicanálise, alheia aos ditames da racionalidade consciente, evidencia o vigor do dinamismo da lógica do inconsciente e o real que a transcende, revelando os bônus e ônus do que aqui se produz.

Em suas pesquisas, o antropólogo Darcy Ribeiro nos lembra que, nesse país, o mestiço – não índio, não negro e não europeu – habitante da terra de ninguém, etnicamente falando, para livrar-se da “ninguendade” vê-se forçado a criar sua própria identidade: a brasileira (Ribeiro, 2005). Essa confluência de tão variadas matrizes formadora de nossa cultura, poderia ter resultado numa sociedade dilacerada pelas oposições, o que ocorreu e ocorre em muitos países, mas aqui, ao contrário, a conjunção inter-racial não é recalcada em nome de purismos, mas é motivo de especial motivação. Tal assimilacionismo que tem sem dúvida grande valor positivo, não deixa de conter também sua violência, que é perversamente dissimulada, desarmando os injustiçados frente a discriminações sutis.

Em nosso país, a doçura mais terna e a crueldade mais atroz se conjugaram para fazer de nós tanto uma gente sensível e sofrida, quanto insensível e brutal, abrindo-se para nós um espaço de ambiguidades, torções e paradoxos que funcionam como a matriz pulsional do que aqui se produziu e se produz para nosso melhor e nosso pior.

Como para os portugueses, povo de fronteira, sustentado pelos antagonismos entre a Europa e a África, a raça parece não ter papel decisivo, esses cediam com facilidade ao prestígio comunicativo dos costumes, da linguagem e das seitas dos indígenas e negros, desde que não representassem desacordo com a moral católica, o que facilitou a mestiçagem e funcionou como elemento essencial à fixação ao meio tropical e à construção desse país. Já há algum tempo, Sérgio Buarque de Holanda, em um ensaio que se tornou clássico para pensar o nosso país, observou que o peculiar da vida brasileira parece ser uma acentuação singularmente enérgica do afetivo e do passional, onde a inteligência com caráter mais ornamental que instrumental privilegia o amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, em detrimento de racionalismos estritos (Buarque de Holanda, 1936, p.51).

A influência dos negros escravos nos trouxe uma suavidade dengosa e açucarada que invadiu os domínios da arte e da literatura e exprimiu-se via o barroco, com o gosto do exótico, da sensualidade brejeira e dos caprichos sentimentais. Esse ar quente dos

trópicos acabou por amolecer as durezas institucionais, corrompendo a rigidez moral e doutrinária da Igreja medieval, o que não deixou de também trazer consequências para a constituição do Estado (Buarque de Holanda, 1936, p.31).

Com Gilberto Freyre, outro clássico dos estudos sobre o Brasil, cabe ressaltar que as mulheres índias, negras e suas descendentes, na miscigenação com brancos, constituíram não apenas a base física da família brasileira, mas também enriqueceram a vida no Brasil, com sua culinária, remédios caseiros, crenças, tradições e costumes.

“A ama negra fez muitas vezes com palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles.” Assim, “a fala séria, solene, da gente grande, sofreu no Brasil um amolecimento de resultados às vezes deliciosos para o ouvido” (Freyre, 1992, pp.331-332).

O catolicismo, que foi o cimento da nossa unidade, apresentou-se aqui, por influência moura, um tanto lírico e humano, e com gosto pela carne, o que servia aos interesses do Estado de, pela procriação, ampliar o contingente populacional na construção da nova pátria (Freyre, 1992, p.224). Criou-se aqui um cristianismo doméstico, lírico e festivo, de santos compadres, de santas comadres dos homens, de Nossas Senhoras madrinhas dos meninos, via por onde negros e índios tiveram a oportunidade de conservar, à sombra dos costumes europeus e dos ritos e doutrinas católicas, formas e acessórios de sua cultura e de seus mitos.

Nossa tão cantada cordialidade é tanto expressão espontânea e legítima de um fundo emotivo quanto estratégia para que a vontade particular prevaleça sobre o social e nos poupe das ordenações impessoais, o que dificulta o funcionamento de certos mandamentos da civilidade. Talvez esse seja um dos aspectos atroz desse barroquismo que nos torna maleáveis demais, até mesmo frente a descabros escancarados no plano da perversão política, corrupção, desmandos que acabam por ter um custo social extremamente lamentável. Por outro lado, essa cordialidade, espontaneidade é ainda expressão da dimensão lúdica que demonstra que aqui vigora algo por vezes além e por vezes aquém da lei do pai, além do patriarcal, via pela qual acolhemos, à nossa moda, a porção estranha que habita todo o familiar. Isso trouxe consequências para a maneira como aqui compusemos um nós coletivo.

Temos horror aos formalismos, mas não dispensamos os ritos e a pompa, desde que possamos incluir neles alguma desestruturação. Encontramos formas mirabolantes para podermos transitar entre os opostos, evitando os choques e as tomadas de posição. Valemo-nos de uma ousadia que toma o humor como via de expressão e de força. Aspectos fundamentais da presença do barroco na constituição de nosso país e de nossa gente e que bem demonstram o vigor da inspiração feminina, já que o barroco é identificado ao feminino, influenciando em nosso norteamento e desnorteamento. Isso parece nos oferecer instrumentos, alavancas metodológicas, para que possamos pensar nossa cultura e nossa gente não tanto pela vertente do que nos falta, se comparados às ordenações clássicas, mas por uma ordem Outra que aqui vigora e que precisa ser reconstituída em sua positividade.

Parece que o acolhimento da psicanálise no Brasil, foi favorecido por esse caldo cultural, que parece propiciar solo fecundo para recepção da ética própria à psicanálise. Trata-se de uma cultura afeita ao “*Unheimlich*“, na qual o estrangeiro não precisa habitar guetos separatistas como vemos na maior parte do mundo, nem se aculturar completamente, perdendo a marca de sua diferença. A diferença do estrangeiro tem espaço valorizado entre nós. Aqui ele é integrado de modo a misturar-se sem fazer sínteses, sem disfarçar a heterogeneidade que está em jogo, produzindo curiosas combinações ao modo de uma assimilação antropofágica, bem observada pelos modernistas que abriram as portas para a entrada da psicanálise no Brasil. Não se trata aqui nem de anular, nem de acumular diferenças, mas sim de conjugá-las ao nosso modo.

Esse barroco, que inventou esse país, recicla-se incessantemente no que nele se produz, traçando conexões de Aleijadinho a Niemeyer, de Gregório de Matos a Caetano Veloso, do Padre Antônio Vieira a Guimarães Rosa, matizadas por um fundo musical barrocammente entoado por Villa Lobos e muitos outros, e é ressaltado por modernistas, críticos da brasilidade, como Mário e Oswald de Andrade. Evidencia-se em nosso carnaval, fazendo uma torção do sagrado ao profano, reunindo na solenidade da alegria e da embriaguez, o luxo da peculiar harmonia de cores, de corpos e de movimentos, que em puro desperdício esbanjam a arte, a vitalidade e a força do nosso *homo viator* barroco, que usa o chão para levantar voo com seu samba no pé, contagiando quem quer que chegue perto.

No ano de 2004, a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira teve como samba-enredo de seu desfile a redescoberta da Estrada Real, que tinha um verso que dizia: “o barroco emoldura o Brasil” (Cadu, Gabriel, Almyr e Guilherme, Samba da Mangueira, Carnaval de 2004).

A psicanálise e a vida nos ensinam: um homem se mede por outros; o poder viril visa sempre à totalidade. Já a mulher, em sua dimensão feminina, quer ser contada como única, escapa a toda representação que tente apreendê-la. Precisamos encontrar instrumentos singulares para melhor entender esse Matriarcado de Pindorama e suas produções. Talvez o barroco possa servir como uma das alavancas metodológicas para fazê-lo.

Os artistas e poetas, sempre na vanguarda do que se vê, bem o sabem. Oscar Niemeyer diz:

Não é o ângulo reto que me atrai.
Nem a linha reta, dura, inflexível,
Criada pelo homem.
O que me atrai é a curva livre e sensual
A curva que encontro nas montanhas
Do meu país,
No curso sinuoso dos seus rios,
Nas ondas do mar
Nas nuvens do céu,

No corpo da mulher preferida.
De curvas é feito todo o Universo.
O Universo curvo de Einstein.

Talvez, concordando com Roberto Gomes, possamos trabalhar para que o pensamento brasileiro brote da realidade brasileira, acolhendo suas ambiguidades, torções e paradoxos e assumindo a sério o humor e a arte como forma de entendimento (Gomes, 1944). Somente nessa perspectiva, quem sabe, poderemos efetivamente melhor situar a fantasia com a qual é tecida nossa realidade, e melhor nos posicionarmos frente ao desejo que se articula através dela.

Afinal, como nos diz Oswald de Andrade, somos crédulos e ambivalentes – um misto de “dorme nenê que o bicho vem pegá” e de equações mirabolantes (Andrade, Manifesto Pau-Brasil). Realmente, temos que dar razão a Darcy Ribeiro: “O Brasil não é para principiantes”. Pelo visto, temos ainda um vasto caminho pela frente para tentar entendê-lo.

Referências bibliográficas

- Buarque de Holanda, Sérgio. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.
Freire, Gilberto. *Casa Grande e Senzala* [1933]. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.
Maffesoli, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.
Andrade, Oswald. Manifesto Pau-Brasil.
Ribeiro, Darcy. *O povo brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
Gomes, Roberto. *Crítica da razão tupiniquim*. São Paulo: Cortez, 1944.
Saudades do Brasil. Série de televisão. Dois episódios. Direção: Maria Maia. Duração total: 112 min. Vídeo. Sinopse: A vida do antropólogo Claude Lévi-Strauss no Brasil. Brasil/DF, 2005.



Arte é medida de segurança pública⁷

Por: Betty Fuks e Denise Maurano

Sábios foram os gregos que, na Antiguidade, quando inventaram a cidade, colocaram a barbárie em cena, no teatro, e assim encontraram um lugar para ela na vida pública.



Cena da tragédia *Antígona*, de Sófocles

Vendo crianças de escola pública em vários museus de Nova York, nos comovemos. Atentos às explicações dos professores, os alunos pareciam encantados pela magia das obras de arte. Cenas que nos fizeram perguntar sobre a função da arte na educação de um povo.

Sabemos que foi no oco das cavernas que o ser humano começou a pintar. Não lhe bastou caçar, pescar, dormir, copular. Era preciso criar. Criando, inventou a escrita, a linguagem, produziu utensílios, religião, ciência e tecnologia. A tudo isso que nasceu do “bolsão da invenção” chamamos de cultura.

E para que, nós, brasileiros, precisamos de cultura? Não será isso um artigo de luxo, sobretudo em nossa atual conjuntura? Por que nossas crianças devem ser sensibilizadas para a arte? Será que é porque isso nos transmite a vontade de criar? Afinal, não estamos no mundo como um peixe dentro d’água. O bebê humano sabe menos que qualquer tartaruguinha que acabou de nascer. Mas uma coisa é certa: a natureza, na sua dimensão mais atroz, a selvageria, permanece em nós. O que fazer com isso?

É justamente aí que entra o trabalho da cultura. Ele será tão mais eficaz se não ficar restrito à ordem disciplinar, de censura e repressão. Shakespeare já nos advertia: quanto mais escondemos um sentimento, mais o revelamos! É na obscuridade que os monstros crescem. Freud, na trilha do poeta, questiona em seu texto trágico, “O mal-estar na cultura”, a vocação do homem em “satisfazer no outro a agressão, explorar sua força de trabalho sem ressarcir-lo, usá-lo sexualmente sem o seu consentimento,

⁷ Artigo publicado originalmente no Jornal *O Globo* no dia 28 de outubro de 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/arte-medida-de-seguranca-publica-22002858?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=compartilhar>. Acesso em: 30/10/2017.

infligir-lhe dores e assassiná-lo”. Essa relação hostil com o outro traduz a maior fonte de sofrimento humano.

Sábios foram os gregos que, na Antiguidade, quando inventaram a cidade, colocaram a barbárie em cena, no teatro, e assim encontraram um lugar para ela na vida pública, de maneira a que produzisse o menor dano possível. Não estará aí uma das fórmulas? A criação, a invenção, a arte são modos de reconhecermos os horrores que nos habitam, como o ódio, o destempero, dando-lhes uma expressão palatável, e mesmo admirável, na cultura. Possibilitam uma espécie de purgação do horror. Nesse sentido, arte é medida de segurança pública. Promover meios para incitar a criação é trabalhar a favor dos processos de humanização.

Façamos como os gregos, que, antes da força bélica de Roma fazer prosperar seu império com a lógica da devastação, usaram como arma não propriamente a força, mas a astúcia.

Isso significa reconhecer que a presença das Forças Armadas nas comunidades cariocas não deve transformá-las em um front de batalha. E mais, é preciso aliar a astúcia à prudência, à inteligência e ao planejamento. Por exemplo: usar a estratégia de desterritorializar o traficante, para que sua força diminua a cada perda de território, tal como se passa no mundo selvagem e, assim, se ganhar espaço. Mas atenção: é fundamental que no vácuo desse deslocamento o trabalho social, que entendemos aqui como trabalho de cultura, de dignificação da condição humana, aconteça. Senão, babau! Nada feito, volta tudo à estaca zero.

Hoje, infelizmente, a lógica da força bruta prepondera; o poder público continua deixando órfã a favela. Precisamos de medidas efetivas que drenem o excesso da barbárie produzida pela sociedade contemporânea. Saneamento, saúde e educação básica são imprescindíveis. O acesso à arte é igualmente vital aos processos de reconstrução do espaço social.

Vale a pena repetir: arte é também medida de segurança pública.



Favela and Christ in Blue

A relação mãe-filha e seus efeitos de devastação

Por: Joana Souza

Para Freud (1923), não existe representação psíquica do feminino no inconsciente que corresponda à organização genital própria da idade adulta, fato que torna essa noção tão complexa. Será em relação ao Édipo que a sexualidade se ordenará, determinando a posição que o sujeito ocupará na partilha dos sexos. Em outras palavras, o que Freud constata é que a identidade sexual de um sujeito é determinada por sua relação com o complexo de castração, e não pelo real do seu sexo anatômico, ou seja, ter um pênis ou uma vagina. O real do sexo é marcado pela linguagem desvelada nos significantes trazidos pelo sujeito, apontando a leitura que o mesmo faz em relação ao sexo.

Ao abordar o tema da feminilidade, Freud (1932) busca estabelecer alguns pontos fundamentais acerca da passagem das meninas pelo Édipo. Dentre eles podemos destacar o reconhecimento de que, tanto para a menina, como para o menino, o primeiro objeto de amor é a mãe, descoberta que trouxe à tona a necessidade de saber como e por que a menina, primitivamente ligada à mãe, liga-se depois ao pai, evoluindo da fase viril para a fase feminina a que está biologicamente destinada. Entretanto, Freud afirma que a mulher não consegue distanciar-se completamente daquele que foi seu primeiro objeto de investimento libidinal, ou seja, a mãe, mantendo com esta uma relação de ambivalência que pode durar por toda a vida.

Freud afirma que o desfecho da relação entre mãe e filha traz como marca a catástrofe, o que Lacan, posteriormente, chamou de devastação. Nossa proposta, portanto, é de delimitar em alguns textos de Freud e Lacan, a especificidade da relação mãe e filha, no sentido de alcançarmos uma melhor compreensão acerca desse fenômeno subjetivo e de suas consequências para a constituição da mulher. A questão que se coloca para nós na relação entre mãe e filha é a impossibilidade de transmissão de *o que é ser uma mulher?*

Freud (1933), ao retomar o tema da sexualidade feminina na Conferência “Feminilidade”, aponta para a existência de uma zona obscura na relação entre mãe e filha, entretanto procura sanar essa dificuldade pensando o feminino a partir do Édipo e da castração. Três diferenças relativas à passagem do Édipo do menino e da menina serão destacadas por Freud no texto referido. Em primeiro lugar, destaca o fato de que a menina, diferente do menino, tem de mudar ao mesmo tempo de zona erógena e de objeto. Enquanto que o menino só possui uma zona genital predominante, ou seja, um órgão genital, uma mulher, por sua vez, possui dois: a vagina e o clitóris, este tido como análogo ao membro viril masculino. Outra diferença apontada por Freud é que para os homens não há nenhuma mudança em relação ao sexo do objeto de amor, pois ele continuará sendo o mesmo do objeto inicial. Já para a mulher a mudança de zona erógena será seguida da mudança do sexo do objeto. E, por fim, a terceira diferença, refere-se à forma como, a partir do complexo de Édipo, o sujeito se posiciona frente ao complexo de castração. O complexo de castração torna-se o princípio organizador da diferença dos sexos.

Ainda nesse texto, destaca que meninos e meninas têm a mesma relação libidinal com a mãe, que se torna para ambos o objeto privilegiado das pulsões genitais. Considera que, enquanto que para o menino o complexo de castração põe fim ao complexo de Édipo, acarretando a renúncia dos objetos parentais, seu efeito na menina a conduz a se refugiar no amor do pai, que ela jamais abandonará completamente. Por outro lado, afirma que a evolução para a feminilidade pode ser abortada, na medida em que, inconscientemente, a revolta da menina pela falta do pênis, ou seja, a descoberta da castração pode levá-la a dois desfechos diferentes: ela pode assumir uma atitude de rejeição, de renúncia à atividade fálica, ou ela pode renegar a castração, dando lugar para o complexo de masculinidade, posição que pode levá-la ao homossexualismo.

Mesmo abordando o feminino pela via do falo, Freud (1933) não deixa de reconhecer a relação primitiva da menina com a mãe como sendo fundamental. Existe uma fase anterior ao Édipo que determina a relação entre mãe e filha, cuja característica é a presença de sentimentos ambivalentes – uma combinação entre amor e ódio por parte da menina em relação a sua mãe que quase sempre culmina em ódio. As acusações e queixas da menina em relação à mãe tem o objetivo de mascarar os sentimentos hostis que ela nutre pelo fato de culpar a mãe pela falta de um pênis, pois não consegue perdoá-la por essa desvantagem.

Ocorre que a reivindicação fálica não se encontra excluída em nenhuma das três saídas possíveis encontradas pela menina diante da descoberta da castração, o que explica a obstinação da mulher para ter o falo. A lógica fálica está em sintonia com o funcionamento do aparelho psíquico, e o feminino resta impossível de ser significado. A inveja do pênis é, para Freud, aquilo que faz funcionar a evolução edípiana.

A castração com a qual a menina não quer lidar é a castração da mãe, pois seu amor era dirigido a uma mãe fálica e não a uma mãe castrada. Essa questão coloca para a menina um problema particular no que tange a sua relação com sua própria feminilidade porque a identidade feminina está inconscientemente assimilada à privação. A descoberta de que a mãe é castrada torna possível que a menina abandone-a como objeto amoroso, entretanto, essa constatação torna-se o motivo para que a hostilidade predomine indefinidamente (Freud 1933 pg. 30).

A intensidade do ódio que a menina nutre pela mãe é equivalente à intensidade do amor. Esse amor, no entanto, está fadado a sucumbir, à medida que a menina se volta para o pai, com esperança de que ele lhe dê o pênis tão invejado. A essa mãe que seduz, que desperta o desejo para depois proibi-lo, só resta a hostilidade.

O desenvolvimento de um forte complexo de masculinidade seria, para Freud, um segundo dos possíveis destinos do Édipo nas meninas, derivado da descoberta da castração. Nesse caso, há uma atitude de recusa em aceitar a castração que se conjuga a atitudes de rebeldia e exacerbação da masculinidade. O motivo para que o complexo de masculinidade se instale se encontra em dois fatos: primeiro, a menina não abdicar da atividade clitoridiana, e segundo, a busca de refúgio na identificação com a mãe fálica ou com o pai. O homossexualismo da mulher seria uma consequência direta do complexo de masculinidade (Freud, 1933, pp.33-34).

Em síntese, Freud nos revela que a descoberta da realidade da castração opera catástrofes quase irreparáveis no psiquismo feminino. A dificuldade no que concerne à elaboração de uma identificação materna positiva capaz de sustentar uma identidade de sujeito desejante, fazendo sucumbir a angústia de castração, faz da mulher um enigma para psicanálise.

A questão do Édipo freudiano é retomada por Lacan em seu seminário sobre “As formações do inconsciente”. Nele, Lacan tenta desfazer os equívocos provocados pelos analistas pós-freudianos ao atribuírem uma importância excessiva à mãe, caracterizando a relação mãe-criança como sendo dual.

O que é essencial nesse Seminário é o fato de Lacan situar a mãe enquanto Outro primordial, possuidor da palavra, para o sujeito. Trata-se de uma relação onde o desejo da mãe opera no sentido de situar o sujeito no campo do Outro. Para Lacan, a mãe é portadora da palavra, mas não da linguagem enquanto uma organização lógica capaz de regular as relações do indivíduo com o campo pulsional, através da castração simbólica. Nesse sentido, o Édipo lacaniano propõe que o pai simbólico é aquele que opera um corte na relação mãe-filho, abrindo a possibilidade de que algo, para além da captação imaginária, se constitua. A significação fálica, introduzida pelo significante Nome-do-Pai, supostamente recobre o desejo da mãe, entretanto, algo sempre escapa no que diz respeito ao gozo feminino.

Ao propor as fórmulas quânticas da sexuação em 1972, no Seminário 20 – “Mais ainda”, Lacan reduz o mito edípico à lógica única da castração, ao mesmo tempo em que coloca em evidência a função de barreira contra o gozo do corpo que é instaurado pelo pai simbólico.

No texto “O aturdido”, Lacan (1973) utiliza o termo devastação para designar a relação de uma mulher com sua mãe. Seguindo a indicação do texto freudiano acerca da feminilidade, afirma que a mãe pode ser uma devastação para a filha. Nessa direção, procura abordar o feminino na fronteira entre o simbólico e o real, para indicar que a devastação que uma mãe pode ser para uma filha, pode ser um indício da relação privilegiada da mulher com o real. Para Lacan, a devastação que acomete a menina está relacionada ao enigma formulado pelo gozo feminino da mãe, ou seja, para a ausência de limite que ele comporta. Pode-se afirmar que esse gozo está fora do simbólico, pois não existe um significante que defina o que é uma mulher (Lacan, 1972, pp.79-80). A devastação, enquanto fenômeno subjetivo que emerge no relacionamento mãe e filha, deixará suas marcas na relação da mulher com seu corpo, nas parcerias amorosas e em sua relação com as perdas.

Em síntese, a devastação pode ser apreendida nas demandas de amor pleno que são endereçadas pela filha, demanda que visa a obturação da falta, pois tal como afirma Cristina Drummond, “é pelo amor que uma mulher pretende remediar sua falta de substância que ela imputa ao Outro” (Drummond, 2006, p.44). A demanda pode levar a menina à devastação, na medida em que sua legitimação por parte da mãe se torna impossível. É a relação especular que está em jogo, onde a menina busca no olhar do Outro materno o assentimento para seu corpo, pois é o olhar do Outro que permite o

recobrimento imaginário do corpo, um corpo que traz em si a marca de um real dessexualizado.

Referências bibliográficas

Drummond, Cristina. *Devastação, outra face da angústia. Opção lacaniana*, n.45. São Paulo, mai. 2006.

Freud, Sigmund. “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” [1920], *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB)*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. “Algumas consequências da diferença anatômica entre os sexos” [1925], *ESB* v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. “Sexualidade feminina” [1931], *ESB*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. “A feminilidade, conferência 33”, in Caldas, Heloisa; Murta, Alberto; Murta, Claudia (Orgs.). *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012, pp.15-48.

Lacan, Jacques. *O seminário, livro 20: mais ainda* [1972]. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.

_____. “O aturdido” [1973], *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Marcos, Cristina. Mãe e filha: da devastação e do amor, *Tempo psicanalítico*, v.43. Rio de Janeiro, 2011.



BULLETIN DE LA SIHPP⁸

18 octobre 2017

Paris le lundi 30 octobre 2017 à 14h30 chez Sotheby's, 76 rue du Faubourg Saint-Honoré, 75008, Entrée libre

Vente publique de plusieurs manuscrits de Jacques Lacan, Paris⁹

Il s'agit des lettres échangées entre Lacan, Pierre Soury et Michel Thomé, deux jeunes mathématiciens. Elles concernent la période dite borroméenne et topologique de la pensée de Lacan (1973-1979). De nombreux dessins sont associés aux lettres.

Estimation totale : entre 40.000 et 60.000 euros.

Vous pouvez consulter la liste des lettres et les commentaires dans le Catalogue de Sotheby's aux pages 98-99.

Paris le jeudi 19 octobre 2017 de 21H00 à 23H00

MALONGO CAFE 50, rue Saint-André des Arts, 75006 – Paris

Début du cycle ds conférences de l'APM sous la direction de Houchang GUILYARDI, Danièle EPSTEIN, Geneviève VIALET-BINE

Vous avez dit jouissance

Ce jeudi conférence de Jacques Sédat

Arguments, horaires et liste de conférenciers à venir

⁸ Sociedade Internacional de História de Psiquiatria e da Psicanálise.

⁹ Trata-se do leilão das cartas trocadas entre Lacan, Pierre Soury e Michel Thomé, dois jovens matemáticos. Elas abrangem o período conhecido como borromeano e topológico do pensamento de Lacan (1973-1979). Numerosos desenhos estão associados às cartas e a estimação de seu valor total está entre 40 e 60 mil euros.

IHEP. Séminaires 2017-2018

Liste des séminaires (Rappel)

Francis Capron : Jacques Derrida lecteur de Freud et de Lacan
Jean Cooren : Groupe de lecture des textes de Jacques Derrida (Lille)
Françoise Gorog, Stéphane Habib : Le fantôme de la liberté II
Jacques Le Rider : Karl Kraus et de la psychanalyse freudienne (Années 1902-1914)
François Sauvagnat : Énonciation et localisation
Hélène Cixous : Des irréparables III. Du nom-poison – Suite
Oudée Dünkelsbühler 1. Psychanalyse / Littérature 2. Derrida, Heidegger, Nancy
Mario Cifali : La leçon d'Œdipe à Colone
Anne Bourgain : Théories et cliniques analytiques

Paris le 6 novembre 2017 de 19h30 à 22h00
Hopital des Diaconesse Salles de cours, 18 rue du sergent Bauchat
Début des soirées de l'EPCI.

Conférences de Gérard BONNET

6 novembre : L'hystérie
20 novembre : La névrose obsessionnelle

Paris le 18 novembre 2017 de 9h30 à 18h00
12 rue de Bourgogne. Espace Analytique

Colloque : Fonction et place de l'interprétation dans l'acte analytique

Intervenants : Celya Herbin, Yves Sarfati, Laurence Moscardini, Sandrine Sergent,
Dorothee Legrand, André Michels, Laurent Delhommeau, Sarah Stern,
Georgy Katarov, Michaël Ringenbach,
Didier Lauru, Claude-Noële Pickmann

Bruxelles le 24 novembre 2017 à 20h30
Au « Repos des Chasseurs », Avenue Charle-Albert 11 – Watermael-Boisfort
Ecole Belge de Psychanalyse

Conférence d' Olivier Douville
Migrants, réfugiés, quand la politique interroge la clinique

Paris le 2 décembre 2017 de 10h00 à 18h00
12 rue de Bourgogne. Espace Analytique

Colloque - La formation psychanalytique aujourd'hui

Intervenants : Gisèle Chaboudez, Francesco Vandoni, Alain Vanier, Maria Barbuto
Patrick Landman, Federico Leoni, Silvia Lippi, Maria Laura Bergamaschi
Claire Gillie, Angelo Villa, Gérard Pommier, Laura Pigozzi

Paris les 21-22 décembre 2017 de 9h30 à 18h00
Auditorium de l'Hôtel de Ville de Paris, 5 rue Lobau, 75004 PARIS

Journées d'études interministérielles Santé-Justice

SANTE MENTALE EN PRISON :
ETAT DES SAVOIRS, BESOINS, PERSPECTIVES

La question de la santé mentale en prison soulève des enjeux éthiques et politiques majeurs. Ce colloque, organisé conjointement par les ministères de la Justice et de la Santé, propose de faire l'état des connaissances scientifiques et d'engager un dialogue entre chercheurs et professionnels autour de quatre grandes thématiques :

- 1/ La mesure des troubles mentaux en milieu carcéral : défi statistique et enjeu politique
- 2/ Les logiques institutionnelles : entre hospitalisation et incarcération
- 3/ Les coopérations professionnelles entre la santé et la justice durant et après l'incarcération
- 4/ Des parcours de soin de santé mentale comme les autres ?

Ce colloque, ouvert à tous, croisera les regards de chercheurs issus de différentes disciplines, de professionnels de la Justice et de la Santé, ainsi que de représentants associatifs.

Inscription obligatoire auprès de : journées.santementaleenprison@justice.gouv.fr

4) Experiências de estudo e trabalho

Núcleo Teresópolis

Endereço: Rua Heitor de Moura Estevão, 438 – Várzea – Teresópolis/RJ

Seminários da Formação Permanente

- Leituras de Freud: “O mal-estar na cultura” (1930), coordenado por Evangelina Miranda (segundas-feiras às 18h30)

- Fundamentos da Psicanálise: A pulsão e o gozo na obra de Freud e no ensino de Lacan, coordenado por Joana Souza (quintas-feiras às 19h15)

O Imaginário no ensino de Jacques Lacan, com Marlise D’Icarahy

Na década de 50, em discurso à Société Française de Psychanalyse, Lacan trouxe à cena os “três registros que são os registros essenciais da realidade humana, registros muito distintos e que se chamam: o simbólico, o imaginário e o real¹⁰”. Tais registros, como três anéis, articulam-se entre si, enodando-se. A noção de Nó Borromeano introduzida duas décadas depois representava um modelo de estrutura que sustentaria uma realidade psíquica estável.

O Imaginário, fundamental e indelével como as demais instâncias, tem suas origens concomitantes às fases iniciais da constituição do sujeito. No Estágio do Espelho proposto por Lacan, constrói-se uma imagem de Eu. Onde havia apenas fragmentos, faz-se unidade a partir de uma noção de corpo, da identificação com um eu ideal, assumido pelo sujeito a partir do significante do Outro. A posição de alienação no princípio da constituição do sujeito é estruturante porque lhe confere referências, marcando a possibilidade da separação posterior, da imersão na linguagem, do deparar-se com a falta, e da emergência de um sujeito desejante.

O Imaginário é, portanto, instância que comparece também no contexto clínico, via discurso, uma vez que os registros são indissociáveis. No entanto, se a clínica é orientada para o estreitamento do sentido na direção do Real, há de se atentar para uma prática que aposte no furo da imagem, nos intervalos entre os significantes que a sustentam, de onde poderá aparecer o sujeito, aquele que à escuta psicanalítica interessa.

Para abordarmos as temáticas acerca do Imaginário, O Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Núcleo Teresópolis convidou para o seminário sobre “O Imaginário no ensino de Lacan”, que foi ministrado pela psicanalista Marlise D’Icarahy em 7 de outubro às 9h30 na sede da Escola. O Imaginário é um dos temas integrantes do Módulo RSI, trabalhado neste semestre pela Formação Básica.

¹⁰ Lacan, Jacques. “O Simbólico, o Imaginário, o Real”. Conferência proferida em julho de 1953 na fundação da Société Française de Psychanalyse, publicado em *Papéis*, n.4, abril de 1996. Disponível em: <<http://lacan.orgfree.com/lacan/textos/simbolicoimaginarioreal.htm>>.

O Imaginário no ensino de Jacques Lacan: Núcleo Teresópolis recebe Seminário da psicanalista Marlise D'Icarahy

Por: Flavia Borges¹¹

No último dia 7 de outubro, compareceu ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Núcleo Teresópolis a psicanalista da seção Rio, Marlise D'Icarahy¹², para falar sobre o Imaginário no ensino de Lacan. Para o percurso teórico proposto, foram elencados alguns tópicos, incluindo pontuações sobre a formação do analista, a enodação do RSI, o conceito de narcisismo, a constituição do eu via estágio do espelho, o Esquema L e, por fim, questões sobre a prática analítica e a fantasia fundamental.

Sobre a formação do analista, lembrou-se da recomendação essencial para a sustentação do tripé clínica/supervisão – análise pessoal – estudo teórico, como uma prática não dada, mas construída permanentemente. Recomendação que se torna importante não apenas ao analista em sua prática de consultório, mas também ao analista no mundo, na instituição, espaço controvérsico que convoca a todo instante. Para D'Icarahy, na instituição o analista sustenta a face do não-saber, a dúvida, escapando do campo dos sentidos. É preciso escapar do discurso do mestre e passar ao discurso do analista: estranhando certezas, que, por sua vez, são da ordem do Imaginário. Fez-se pertinente relembrar que o Imaginário está no campo do sentido, o Real no campo do não sentido e o Simbólico no do duplo-sentido, abrindo caminhos para o equívoco, convocando ao desejo de saber e desembocando em novas construções.

Tais observações suscitaram nos presentes a discussão acerca de uma certa prática clínica contemporânea, exercida por alguns e criticada por outros, baseada na recorrência de sessões curtíssimas e cortes obrigatórios como recurso privilegiado de intervenção, desde as entrevistas preliminares. Segundo os presentes, pensa-se que é preciso, acima de tudo, ouvir o sujeito em suas associações, e que tal afoitamento travestido de tempo lógico pode contribuir para uma obliteração da escuta e do desejo de escutar. D'Icarahy citou frase atribuída a Lacan sobre o analista ser aquele que sabe esperar. Havendo outros instrumentos de intervenção, o analista deve manter sua atenção flutuante e colocar-se em seu lugar de objeto causa de desejo (de saber) para que haja análise, manejando a transferência, direcionando o tratamento, aberto à singularidade do caso.

Retornando ao percurso do Imaginário, abordou-se o trajeto da constituição do eu à constituição do sujeito e suas articulações com a fantasia fundamental. Nos primórdios da existência, o recém-nascido fantasia que o Outro intenciona causar-lhe prazer e desprazer, procurando uma maneira de extrair do desprazer algum prazer. Surge, então, a questão sobre como o sujeito coloca-se como objeto de gozo do Outro. Em texto de 1914, "Sobre o narcisismo: uma introdução", Freud questiona qual seria a relação entre o autoerotismo no qual se encontra o bebê nos primeiros meses de vida e

¹¹ Membro associada do Núcleo Teresópolis, Psicóloga, Pós-graduanda em Teoria Psicanalítica.

¹² Marlise Eugenie D'Icarahy é analista do Corpo Freudiano Seção Rio, psicóloga do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro e doutora em Psicanálise (UERJ).

o narcisismo primário, tempo em que a criança fica à mercê das fantasias do casal parental, colocada no lugar do Ideal.

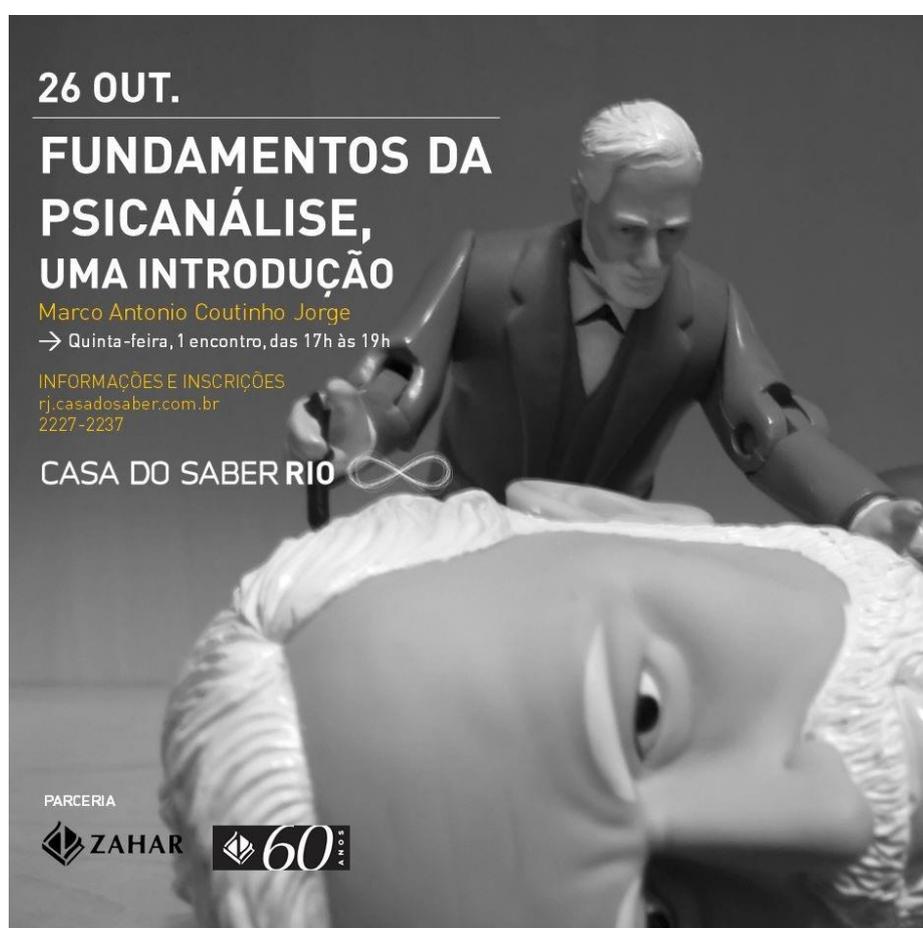
Lacan propõe a entrada do estágio do espelho, atentando que o eu também é um objeto. Nesse estágio, o bebê se reconhece na imagem refletida como unidade, permeado de júbilo, e seu corpo despedaçado ganha um contorno. Dessa forma, o Outro, seu olhar, confirma uma unidade virtual a este corpo. Fez-se aqui pontuações sobre a clínica, a importância do diagnóstico diferencial e o manejo da instância imaginária na psicose. Se na neurose, a direção segue para o esvaziamento de sentido ao furar o Imaginário, na psicose o Imaginário exerce função estabilizadora, pois confere contorno ao despedaçamento experienciado pela falta de nó.

Por fim, após observações sobre a fantasia fundamental e sua estrutura, apontou-se a importância do “reapropriar-se do Imaginário” após a travessia da fantasia, fruto de um intenso percurso analítico; porém, apropriar-se de um Imaginário permeado de Simbólico. O fim da análise, portanto, trata-se da possibilidade de um saber fazer: fazer algo com a fantasia fundamental que estrutura cada sujeito.



Seção Rio de Janeiro

A Editora Zahar, por ocasião da comemoração de seus 60 anos, tem promovido uma série de palestras sobre os principais temas e autores que constam em seu catálogo de livros. Assim, o psicanalista Marco Antonio Coutinho Jorge, que contribuiu intensamente com a editora como revisor técnico de importantes obras psicanalíticas, diretor da Coleção Transmissão da Psicanálise e autor da trilogia *Fundamentos da psicanálise*, foi convidado para ministrar um curso na prestigiada Casa do Saber.



26 OUT.

**FUNDAMENTOS DA
PSICANÁLISE,
UMA INTRODUÇÃO**

Marco Antonio Coutinho Jorge
→ Quinta-feira, 1 encontro, das 17h às 19h

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
rj.casadosaber.com.br
2227-2237

CASA DO SABER RIO 

PARCERIA

 ZAHAR 

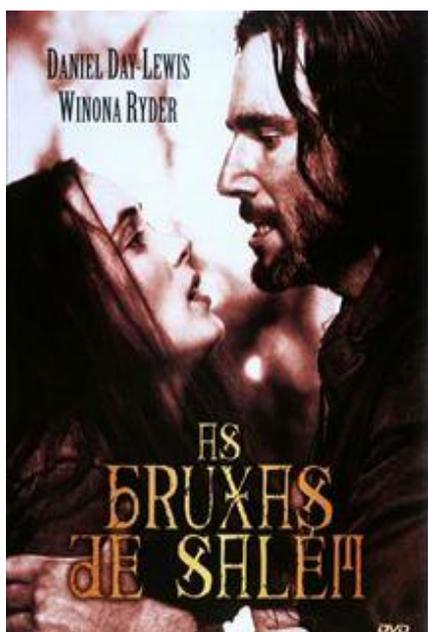
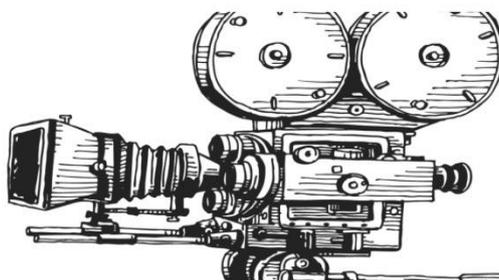
CORPO FREUDIANO
ESCOLA de PSICANÁLISE

SEÇÃO RIO DE JANEIRO



CINE CORPO

conexões psicanálise e cinema



No dia 27 de outubro de 2017, às 18h30, foi exibido na Sede da Escola o filme: “As bruxas de Salem”, que foi comentado por Macla Nunes, como atividade do Cine Corpo, que é coordenada por Marcus Menezes. O filme tem duração de 2h e foi dirigido por Nicholas Hytner, contendo no elenco Paul Scofield, Winona Ryder, Daniel Day-Lewis.

Resenha: Em Salem, Massachusetts, 1692, algumas jovens fazem “feitiços”. Uma delas, Abigail Williams (Winona Ryder), tinha se envolvido com John Proctor (Daniel Day-Lewis), um fazendeiro casado, quando trabalhou para ele, mas após o fim do caso foi despedida. Assim, desejava a morte de Elizabeth Proctor (Joan Allen), a esposa deste. Elas são descobertas no seu “ritual” e, acusadas de bruxaria, provocam uma histeria coletiva que atinge várias pessoas, sendo que Abby, a jovem desprezada por John, faz várias acusações até ver Elizabeth ser atingida. Entre os anos de 1857 e 1877, episódios impactantes como os de Salem ocorreram em uma comuna dos Alpes franceses situada no departamento de Alta Saboia, na região de Auvérnia-Ródano-Alpes, dando nome à “Epidemia histero-demonopática” de Morzine.

Confira a matéria sobre a conferência “O Real, o Simbólico e o Imaginário”, proferida por Marco Antonio Coutinho Jorge em 11 de agosto de 2017 em Curitiba, que foi publicada na Revista *Contato*, do Conselho Regional de Psicologia do Paraná, na edição de setembro/outubro deste ano¹³.



Ser espaço para a troca de informações e discussões sobre a importância da Psicologia e o papel das(os) Psicólogas(os) na sociedade e fortalecer a identidade profissional são objetivos estratégicos do CRP-PR para o triênio 2016-2019.

Identidade esta, aliás, que conta com muitas nuances. São muitas as abordagens e áreas de atuação e é justamente no Conselho que elas encontram um ponto de convergência: a casa da Psicologia. Para isso, o espaço pode e pretende receber profissionais de muitas abordagens, de diferentes experiências e possibilitar discussões profundas sobre a ciência e a profissão.

Nesta perspectiva, o CRP-PR também está buscando estabelecer parcerias com Instituições de Ensino Superior (leia reportagem na página 08), associações e centros de formação.

Outro exemplo desta ampliação de relações e debates foi a palestra com o psicanalista Marco Antonio Coutinho Jorge sobre o “Real, o Simbólico e o Imaginário”, que ocorreu no dia 11 de agosto em Curitiba. O evento foi realizado em parceria com o “Diálogos do Lacaneando” e contou também com o lançamento do terceiro volume do livro “Fundamentos da Psicanálise: de Freud a Lacan”, que trata da prática analítica, de autoria do psicanalista.

Na oportunidade, Jorge traçou um paralelo entre as obras de Freud e Lacan,

apresentando a trajetória percorrida pelos autores para explicar as dimensões que possibilitam a existência e compreensão humanas. Ele comentou que Freud partiu da dimensão simbólica, passando pelo imaginário para então explicar a dimensão real. Já Lacan iniciou sua obra pela dimensão do imaginário, passando ao simbólico e, por fim, chegando ao real.

A partir dessas trajetórias e das articulações entre as obras e pensamento dos autores, o psicanalista propôs discussões importantes acerca de conceitos e pressupostos essenciais e da compreensão da estruturação da personalidade nesta perspectiva, temas que foram ampliados e debatidos pelos participantes.

PSICOLOGIA EM TODAS AS SUAS NUANCES

Da mesma forma, todas as áreas de atuação vêm sendo valorizadas. Neste objetivo, o Conselho também recebeu, no dia 28 de agosto, a palestra “Avaliação Psicológica no Trânsito: Desafios e Perspectivas” com Roberto Moraes Cruz (CRP-12/01418), seguida de uma discussão sobre os desafios na área. A data também contou com o lançamento do livro “Manual de Psicologia do Trânsito”.

Vem muito mais por aí. Fique atenta(o) ao site e às nossas redes sociais e venha participar conosco! ■

ACONTECE NO CRP

¹³ Disponível em: <<http://www.portal.crppr.org.br/revista/contato.php?edicao=113#32-33>>.

Marco Antonio Coutinho Jorge em Paris
Por: Paula Maribondo¹⁴ e Vivian Ligeiro¹⁵



Em Paris, Marco Antonio Coutinho Jorge realizou um ciclo de 3 + 1 seminários na Maison de L'Argentine, nos dias 18, 19, 20 e 21 de outubro. O evento foi organizado pelo Corpo Freudiano Paris em parceria com a Maison de L'Argentine e contou com a presença e participação dos psicanalistas Alain Didier-Weill, Paolo Lollo, Jacques Siboni, Cristiane Cardoso, entre outros.

Com ritmo e estilo singulares de transmissão, Marco Antonio convidou a todos a um voo com mergulhos perpendiculares e profundos nas águas da psicanálise.

A primeira conferência, *Réel, Symbolique, Imaginaire: une introduction (de Freud à Lacan)* [*Real, Simbólico, Imaginário: uma introdução (de Freud a Lacan)*], realizada no dia 18 de outubro, teve como mote a tripartição real, simbólico e imaginário. Marco Antonio, em suas considerações, teve sempre o cuidado de tornar vivo o retorno a Freud feito por Lacan, ou seja, embora trate-se de conceitos lacanianos, ele traz uma primorosa leitura freudiana destes conceitos. O imaginário relaciona-se ao sentido, único e aprisionante, que pode ser inferido a partir das formulações de Freud sobre o narcisismo. O simbólico, por sua vez, refere-se ao duplo sentido, engendrado pela linguagem. O real concerne à impossibilidade de sentido,

¹⁴ Membro associado da Seção Rio. Mestranda em Psicanálise (UERJ).

¹⁵ Membro associado da Seção Rio. Doutoranda em Psicanálise (UERJ) em estágio doutoral na Université Paris-Diderot (Paris VII).

como verificamos em Freud ao se referir ao umbigo do sonho e à ausência de inscrição da diferença sexual no inconsciente. Marco Antonio apresentou um esquema, que depreende da obra freudiana, de três ciclos fundamentais, os quais nos permite acompanhar o desenvolvimento das elaborações de Freud ao longo de sua obra. O primeiro, denominado “ciclo do inconsciente”, se estende entre 1900 até 1905, período durante o qual Freud se dedica às formações do inconsciente: os sonhos, em *A interpretação dos sonhos* (1900); os atos falhos, em *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901); os chistes, em *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905). Além de demonstrar a estrutura de linguagem comum a todas as formações do inconsciente, Freud demonstra que o inconsciente não é reservado ao patológico, na medida em que emerge de fenômenos simples e observáveis na vida cotidiana. Freud, portanto, inaugura a psicanálise a partir do simbólico, ou seja, pelo duplo sentido engendrado pelo inconsciente na condição de estruturado como linguagem. Os outros dois ciclos do esquema, nomeados “ciclo da fantasia” e “ciclo da técnica”, foram abordados nas conferências posteriores, respectivamente.

A conferência *Clinique du fantasme: amour, désir, jouissance* [*Clínica da fantasia: amor, desejo, gozo*], realizada no dia 19 de outubro, foi dedicada à fantasia, tema central da psicanálise, uma vez que, na teoria e na clínica, a realidade psíquica é decisiva. Para introduzir o tema, Marco Antonio retomou o esquema dos três ciclos já introduzido na conferência anterior. O período que ele denomina de “ciclo da fantasia”, entre 1906 e 1911, é demarcado por uma profusão de textos freudianos que tratam o tema da fantasia. Esta última se constitui como a base do sintoma neurótico e é apresentada por Freud a partir de seu estudo das produções de escritores criativos e das brincadeiras de crianças, o que reafirma a fronteira estreita entre o normal e o patológico. A fantasia abole a noção de tempo, na medida em que tem a ver com o desejo indestrutível e, na condição de suporte do desejo, se apresenta como uma escritura sobre a falta. A fantasia tenta recuperar um objeto supostamente perdido proveniente da perda de gozo como tributo da criança ao entrar na linguagem. Assim, ao mesmo tempo em que se apresenta como uma janela para o real, a fantasia fixa o sujeito numa determinada modalidade de gozo, tornando-se para ele uma espécie de prisão domiciliar.

Em sua terceira conferência, em 20 de outubro, nomeada *Aimer, travailler, délibérer: sur la finalité de la psychanalyse* [*Amar, trabalhar, deliberar: sobre a finalidade da Psicanálise*], Marco Antonio se dedicou ao “ciclo da técnica” analítica explicitada por Freud em seus artigos sobre a técnica (1911-1915) que compõem o 12º volume de sua obra. Tais artigos têm o valor de recomendações que auxiliam o analista a se situar em seu próprio estilo, sendo que a única regra da psicanálise é a da associação livre. Na medida em que opera sobre a fantasia, a análise promove um desvendamento da relação do sujeito com a pulsão, possibilitando outros destinos diferentes do recalque. Ao resgatar de Freud o “amar” e “trabalhar” como os dois destinos pulsionais conquistados pelo sujeito ao fim da análise, Marco Antonio relacionou o trabalhar à sublimação, que assegura uma vicissitude da pulsão diferente do recalque. Sendo que nem toda cota do pulsional é passível de ser sublimada,

amar relaciona-se a satisfação direta, corporal. A esses dois destinos, ele acrescentou o deliberar, resgatando a potência do simbólico como mediador. Tal mecanismo refere-se ao juízo de condenação, proposto por Freud e pouco estudado na atualidade, e implica em dizer “sim” para o desejo, bem como para a satisfação direta, desvencilhando-se do “não” automático e radical imposto pelo recalque, substituindo-o por um “não” intelectual e moderado. Deliberar sobre o pulsional confere ao sujeito alguma liberdade possível diante da força das pulsões e do determinismo do inconsciente, denotando certo *savoir-faire* com o real pulsional.

Na conferência do dia 21 de outubro, *L'épidémie transsexuelle: l'hystérie à l'ère de la science et de la mondialisation?* [A epidemia transexual: histeria na era da ciência e da globalização?], foram apresentadas algumas das principais reflexões abordadas no artigo de mesmo título, escrito em coautoria com Natália Pereira Travassos. Na sua exposição, Marco Antonio promoveu um deslocamento em relação à consideração da transexualidade, nos primeiros estudos psicanalíticos, como exclusiva do campo da psicose, para compreendê-la como um fenômeno tipicamente histórico. Ao analisar o histórico de epidemias ao longo da história, às quais a histórica adere em busca do saber a ser produzido pelo mestre que responda sua questão, Marco Antonio ressaltou o caráter de epidemia, ou seja, de fenômeno de massa que a transexualidade adquiriu nestes últimos anos. A identificação histórica se liga ao discurso dominante da época, representado hoje pela ciência. A ciência, em sua tentativa de nomear o real, oferece soluções imediatas para esse enigma histórico, promovendo intervenções irreversíveis no corpo. Da mesma forma, a ciência, em sua oferta apressada em responder o que não tem resposta, desconsidera o sujeito do inconsciente e expressa a forte resistência com a qual a psicanálise lida ao longo de sua história. História essa que tem origem na histeria que, como aponta Lacan, busca um mestre para que este lhe revele uma resposta sobre o enigma da diferença sexual, saber impossível, já que não há inscrição da diferença sexual no inconsciente.

Ao final de cada conferência, foi aberto tempo para perguntas e debates. Marco Antonio se dirigiu a estudantes e profissionais das mais variadas áreas com uma fala muito clara e precisa, trazendo a força, a ética, o rigor e o vigor da psicanálise.



No *Select*, Cristiane Cardoso, Paolo Lollo, Benjamim, Elisabeth Roudinesco, Paula Maribondo e Claudio Piccoli



Cristina Lindenmeyer, Paul-Laurent Assoun e
Vivian Martins Ligeiro, que faz estágio doutoral na
Universidade Paris VII



Na casa de Jacques e Catherine Barbier, Betty Milan,
Marco Antonio Coutinho Jorge e Alain Didier-Weill



5) Próximos eventos

Núcleo Dourados

A partir dos trabalhos apresentados na mesa com o tema “Psicanálise e religião” no VI Encontro Nacional Búzios 2016, o Núcleo Dourados convidou os membros da Seção Rio de Janeiro que dela participaram para apresentarem seus trabalhos através de videoconferência, que será transmitida no Auditório da Seção Rio de Janeiro para a Universidade Federal da Grande Dourados. Por meio deste canal de comunicação, surgem novas possibilidades de trocas teóricas entre as seções e núcleos. O evento será aberto a todos os membros da Escola.

PSICANÁLISE & RELIGIÃO

11/11/2017 - 8h (Dourados) 9h (Rio de Janeiro) - Entrada gratuita



Oskar Pfister: o percurso de um teólogo no movimento psicanalítico
Bruno Albuquerque

Renúncia pulsional: discurso religioso e clínica psicanalítica
Juliana Leal

Como pode emergir no seio mesmo do discurso psicanalítico um religioso?
Macla Ribeiro Nunes

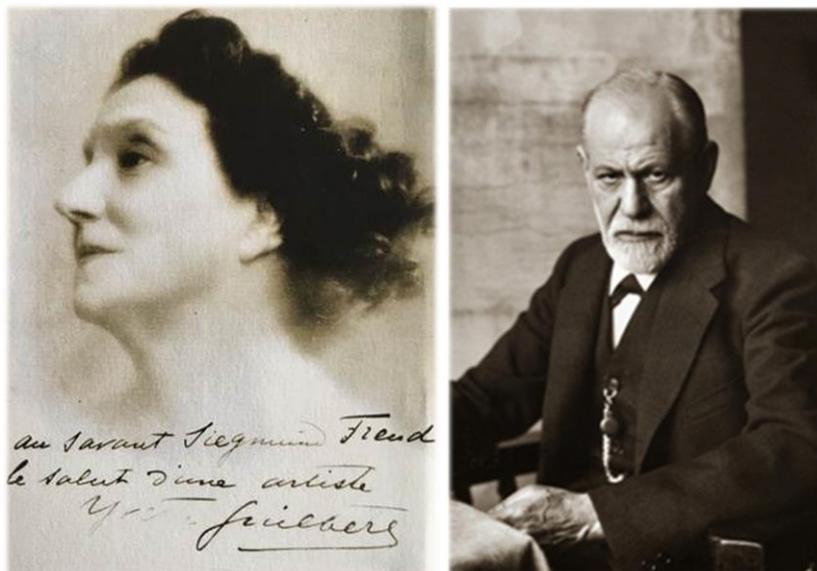
Local: Educação a Distância da Universidade Federal da Grande Dourados (EaD/UFGD)
Endereço: Rua Benjamin Constant, 685 Jardim América - Dourados (MS)

Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Núcleo Dourados

INFORMAÇÕES: LARISSA: (67) 99800- 8711

Seção Rio de Janeiro

Yvette Guilbert, um amor musical de Freud
Conferência de Jean-Michel Vivès
14 de novembro às 19h30



A foto à esquerda foi enviada por Yvette Guilbert a Freud com uma dedicatória e iniciou a correspondência epistolar entre eles.

Adquirimos o hábito de dizer que Freud não era nem sensível, nem afetado pela música. Ora, um certo número de fatos, como o de aproveitar a falta de um paciente para ir escutar o *Don Giovanni* de Mozart na ópera de Viena ou a possibilidade de encontrar, nas associações livres, as falas em italiano e a melodia com ares de *Nozze di Figaro*, parece suficiente para mostrar que as coisas não são tão simples.

Outro elemento, igualmente surpreendente, é a afeição – possivelmente amor – que, ao longo de toda a sua vida, o pai da psicanálise manifestou pela célebre cantora francesa Yvette Guilbert, que teria encontrado e ouvido no Cabaré *L'Eldorado* durante sua primeira estadia em Paris, em 1890, e nos recitais aos quais assistiu muito regularmente até o fim de sua vida.

Esta amizade pôde se exprimir numa correspondência entre a cantora e o psicanalista. Correspondência na qual Freud elabora, num diálogo por vezes conflituoso com Yvette Guilbert, uma teoria do trabalho do ator que é de uma modernidade que nos surpreende, quando conhecemos seus gostos estéticos. É esta teoria, que Freud soube ler a partir da arte de Yvette, que nos dedicaremos a apresentar.

LISPECTATOR



CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE SEÇÃO RIO DE JANEIRO
Rua Hermenegildo de Barros, 27 – Santa Teresa - Rio de Janeiro - RJ
CEP 20.241-040 - Fone: (21) 2295-0337

Inscrições: <http://www.lispectator.com/>

9 de dezembro, das 9h às 18h
Auditório do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro
Rua Hermenegildo de Barros, nº 27.
Santa Teresa, Rio de Janeiro
Metro Glória

Um dia para celebrar a vida e a obra de uma brasileira que está entre os maiores da literatura universal, Clarice Lispector, ela que pedia licença para “escrever ao som harpejado e agreste a sucata da palavra”.

O primeiro LISPECTATOR vai acontecer no dia 9 de dezembro, a partir das 9 horas, no Auditório do CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE Seção Rio de Janeiro. Serão 3 mesas ao longo do dia, com colegas de vários cantos do país, entre os quais, já confirmados: Marco Antonio Coutinho Jorge, Denise Maurano, Lucia Perez, Luciana Brandão, Evando Nascimento, Carlos Eduardo Leal, William Amorim, Felipe Castelo Branco, Tarcísio Greggio e Sonia Leite.

Núcleo Macaé

AGENDA

n o v e m b r o

Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Núcleo Macaé

<p>10/11 – SEXTA-FEIRA</p> <p>Conferência: AMAR, TRABALHAR, DELIBERAR- Sobre a finalidade da psicanálise.</p> <p>Logo após: Lançamento do livro Fundamentos da Psicanálise – Volume 3 – A prática analítica Com: Marco Antonio Coutinho Jorge</p> <p>Horário: 19h30 Local: Sala de reunião do Condomínio Petro Office, 340 Praia da Imbetiba</p>	<p>DIA 11/11 – SÁBADO</p> <p>Formação Básica TEMA: PULSÃO , Elementos, Circuito, Vicissitudes e Objeto a. Com: Marco Antonio Coutinho Jorge</p> <hr/> <p>Aula aberta aos não associados (investimento : R\$100,00)</p> <hr/> <p>Horário : 9h30 Local: Sala de reunião do Condomínio Petro Office, 340 Praia da Imbetiba</p>
--	---



CORPO FREUDIANO PARIS

Vous invite au séminaire de
Jacques Nassif

Faire retour à Bataille
pourrait-il relancer la psychanalyse ?

1^e séance : mercredi 22 novembre 2017

A l' I.T.P.

83, Bd Arago, 75014, Paris
à 20h30 - Salle 1, RdC

L'œuvre de Georges Bataille dont on pourrait croire qu'elle aborde plusieurs domaines (essais philosophiques, traités d'anthropologie, critique littéraire, romans, poésie et mystique, etc.), sans jamais être repérable dans une discipline, apparaîtra sous la grille de notre lecture comme singulièrement unifiée, pour peu qu'on s'aperçoive qu'elle relève d'un nouveau genre : celui de l'écriture analysante.

Ce séminaire donnera non seulement l'occasion d'indiquer quelle serait la dette inavouée de Jacques Lacan vis-à-vis de l'œuvre de G. Bataille, mais l'on cherchera aussi à mettre en valeur que certaines de ses avancées peuvent intéresser aujourd'hui la psychanalyse, pour peu que l'on s'aperçoive qu'elles en sont directement issues.

Opérer un tel décryptage permettra en outre de dévoiler à quel point l'héritage confisqué de Lacan empêche les psychanalystes d'élaborer, en dehors d'un triste jargon d'école, ce qui fait l'originalité de leur pratique. Bataille ainsi relu pourrait-il permettre de sortir d'une telle impasse ? Serait-il possible, en faisant de cette manière « retour à Bataille », de relancer la psychanalyse ?

Le séminaire est ouvert à qui veut y participer. PAF : 10€

Le séminaire aura lieu un mercredi par mois.

Le prochain rendez-vous est fixé au mercredi 13 décembre 2017.

Pour plus d'informations, il est possible de contacter :

soit Emmanuel Valat au 06 22 11 30 71, ou de lui écrire à l'adresse mail:
e.valat@9online.fr, soit Jacques Nassif lui-même au 06 86 43 15 28 ou de lui écrire à
son adresse : lien@jacquesnassif.com.
<http://corpofreudiano.lutecium.org/>

Corpo Freudiano Paris Freud mis en voix 2017

Rencontres sur le

REVE

Rencontre de mardi 28 novembre 2017

(de 21h à 23h00)

46, rue de la Butte aux Cailles, Paris 13
Contact : tél.: 06 26 80 34 71

Corpo Freudiano anime des soirées de lecture,
ouvertes à tous ceux qui désirent se confronter à la question
de la transmission de la psychanalyse.

Par la mise en voix de textes et par l'écoute des signifiants
du « corpus freudien ». Il s'agira, pour chacun, de faire surgir
et advenir ses propres signifiants,
dans un partage et dans un transfert d'étude.

Nous lirons, ce mardi 28, la leçon n° 11
(LE TRAVAIL DE REVE)
dans Leçon d'introduction à la psychanalyse
Œuvres Complètes, Edition PUF, vol 14 (1915-1917).

Nous suivrons les conférences telles qu'elles ont été établies, en tenant compte du
texte en allemand et des diverses traductions. Des interruptions permettront à
chacun de partager ses questionnements au moment où ils surgissent.

Cristiane Cardoso, Paolo Lollo
Pour plus d'info: e-mail: plollo@free.fr.

Insistance

Séminaire

Alain Didier-Weill et Jean Pierre Winter



« La Loi et ses perversions »

Le Séminaire aura lieu le Jeudi 30 Novembre 2017 – 21h
à l'Espace Analytique,
12 rue de Bourgogne 75007

6) Ficha técnica

Editoração: Bruno Albuquerque (brunopintodealbuquerque@gmail.com)

Colaboração: Macla Ribeiro Nunes (macla.nunes@unirio.br)